



1290003465



FE

TCC/UNICAMP B988d

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ELIANE BUZATTO

DUAS HISTÓRIAS... DUAS VIDAS: DIREITOS A SEREM RECONHECIDOS.

CAMPINAS

2007

UNICAMP - FE - ELIANE BUZATTO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

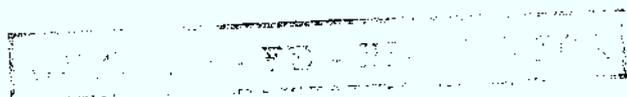
ELIANE BUZATTO

DUAS HISTÓRIAS... DUAS VIDAS: DIREITOS A SEREM RECONHECIDOS.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para o curso de Pedagogia (PEFOPEX) da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação da PROF^a.DR^a. Maria Teresa Eglér Mantoan.

CAMPINAS

2007



UNIDADE:	FE
Nº CHAMADA:	TCC/UNICAMP B988d
EX:	
TRF:	3465
PRDC:	129/08
C:	X
PRECO:	11,00
DATA:	01/03/08
Nº CPD:	425666

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

B988d	Buzatto, Eliane. Duas histórias...duas vidas : direitos a serem reconhecidos / Eliane Buzatto. -- Campinas, SP : [s.n.], 2007. Orientador : Maria Teresa Egler Mantoan. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. 1.Inclusão. 2. Ensino regular. 3. Formação docente. I. Mantoan, Maria Teresa Egler. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
	07-609-BFE

COMISSÃO JULGADORA

PROF^ª.DR^ª. Maria Teresa Eglér

Mantoan

1^ª leitora.

PROF^º.DR^º. Sílvio Sanches

Gamboa

2^º leitor.

AGRADECIMENTOS

À Deus por ter me dado forças para vencer os obstáculos encontrados nos percursos da vida.

À professora Maria Teresa Eglér Mantoan, por ter confiado e acreditado no meu trabalho.

Ao professor Sílvio Sanchès Gamboa pela prestatividade e profissionalismo em ler essa monografia.

A todos os meus professores que me incentivaram na busca pelo conhecimento.

À Meigue Alves dos Santos, minha amiga inestimável, pelo carinho e atenção.

Ao Raimundo Alencar da Luz que, mesmo distante, permaneceu sempre presente em minha vida.

Os meus sinceros agradecimentos a todos pelo carinho, pela força, pelo incentivo, pelo companheirismo, pela confiança e reconhecimento de meu trabalho .

DEDICATÓRIA

Com carinho, aos meus pais pelo amor com que me criaram, pelo apoio e incentivo de persistir em busca da realização de meus sonhos. A todos os meus alunos que contribuíram significativamente para a formação da professora que hoje sou. Aos meus futuros alunos, que colaborarão para o aperfeiçoamento de minha prática pedagógica porque *aqueles que passam por nós não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós...*(A. S. Exupéry).

***A EDUCAÇÃO NÃO É A PREPARAÇÃO PARA A
VIDA, É A PRÓPRIA VIDA...***

(Dewey, 1979:83).

RESUMO

Este trabalho surgiu da necessidade de registrar a experiência que vivi no ano de 2005, em uma turma de 1ª série de uma escola de ensino regular no município de Hortolândia/SP, onde estavam matriculados dois alunos com deficiência. Ao constatar a presença desses alunos na minha turma, senti, inicialmente, medo de desse desafio por considerar-me inexperiente e despreparada. Com o tempo, conclui que a presença dessas duas crianças em sala de aula contribuiu, significativamente, não só para o desenvolvimento dos demais alunos, propiciando um ambiente de cooperação, de amizade, de solidariedade, bem como para fortalecer uma nova concepção em relação ao meu papel, como professora. Os professores alegam não estar preparados para receber alunos com deficiência em suas salas de aula e resistem ao direito de todos à educação, retardando resultados positivos e muito ricos da experiência de se conviver com a diferença, na escola. Deixo aqui registrados os momentos mais importantes vividos com essa turma, por reconhecer que consegui enfrentar o desafio educacional da inclusão.

PALAVRAS – CHAVES: Inclusão, ensino regular, formação docente.

SUMÁRIO

PARTE I: DEFININDO CONCEITOS...

1. Inclusão: o que é isto afinal de contas?
- 1.2. Diferença x identidade: uma definição necessária.
- 1.3. Educação: um direito reconhecido.
- 1.4. Direitos a serem reconhecidos.
- 1.5. A escola que queremos: um espaço de respeito às diferenças.
- 1.6. Formação docente no contexto inclusivo: um ponto a ser discutido.

PARTE II: RELATANDO UMA EXPERIÊNCIA...

1. O início de tudo.
 - 1.1.O início das aulas.
 - 1.2. Terceiro dia: o Antonio.
 - 1.3.Terceiro dia: a Márcia.
 - 1.4. Primeiro recreio.
 - 1.5.Esperança inicial.
 - 1.6.Curiosidades e curiosidades.
 - 1.7.Os demais recreios.
 - 1.8. Professores e pais: otimismo e insegurança.

1.9. A primeira aula de Educação Física.

2. A Mãe de Antonio.

2.1. O curso do CIER.

2.2. O início de um novo olhar.

2.3. O parque.

2.4. O pedido de Márcia: vergonha e medo.

2.5. Visita da Terapeuta Ocupacional: reflexões.

2.6. O primeiro passo: reações de Márcia.

2.7. Fraldas: o segredo de Márcia.

2.8. O final do ano: mudanças.

2.9. O reencontro com Márcia.

3. O reencontro com Antonio.

CONCLUSÃO.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho surgiu da necessidade de registrar a experiência que eu vivi no ano de 2005, em uma turma de 1ª série de uma escola de ensino regular do município de Hortolândia/SP.

Optei por desenvolver o tema por estar ciente de que muitas companheiras de trabalho, por não terem formação específica, relutam em abrir-se para as diferenças, em suas salas de aula.

Pelo que vivi o fato de não ter uma formação específica não implica em não estar apto para enfrentar a inclusão escolar.

Na verdade, no contexto escolar atual, vivenciamos as mais variadas situações, que colocam à prova todo o nosso conhecimento. É válido tirarmos proveito dessas situações para construirmos o nosso próprio conhecimento a respeito de novos conceitos educacionais e para aprimorar nossa prática pedagógica.

Exposto a todo o momento às mais variadas experiências, o professor deve estar sempre em busca de conhecimento para responder aos problemas que encontra no contexto escolar.

Este trabalho de conclusão de curso é dividido em duas partes. A primeira explora alguns conceitos básicos e importantes à luz da teoria disposta na bibliografia utilizada.

Nesta primeira parte procuro definir as seguintes temáticas abaixo citadas:

- **Inclusão:** o que é, quais são os seus objetivos bem como suas exigências e dificuldades encontradas no âmbito de sua implementação;
- **Diferença/Identidade:** o que significa cada conceito, qual a relação existente entre ambos e qual é a consequência de se destacar uma identidade como norma.
- **Educação:** entendida como um direito reconhecido legalmente, o que implica conhecer quais são as suas concepções básicas.
- **Direitos a serem reconhecidos:** é uma questão abordada à luz da Constituição Brasileira de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases de 20 de dezembro de 1996 a fim de discorrer sobre o fato de que todas as crianças sem exceção (portador de deficiência ou não) têm direito de acesso às aulas em salas do ensino regular.
- **A escola:** abordada como necessidade de transformar-se num espaço de respeito às diferenças reorganizando, assim, suas diretrizes gerais de acordo com o Projeto Político Pedagógico e recriação do modelo educacional vigente.
- **Formação Docente:** a discussão parte do pressuposto de que a inclusão é um desafio educacional e, portanto, exige tanto da escola quanto dos profissionais que dela fazem parte, um novo posicionamento, um olhar mais crítico sobre a educação e o ato de ensinar. Neste viés, a formação em serviço (formação continuada) pautada no intuito de aprimoramento profissional é a mais adequada às necessidades de se enfrentar esse desafio imposto.

Na segunda parte, inicio o relato da experiência que vivi em turma de 1ª série do Ensino Fundamental de uma escola municipal localizada na cidade de Hortolândia/SP.

Nessa turma havia 37 alunos havia dois alunos com deficiência. Assim como as demais professoras da escola, eu não tinha uma formação específica e acreditava não ser possível trabalhar com esses alunos em sala de aula já que não dispunha de "bagagem profissional" para isto (ao menos era nisso que eu acreditava naquele momento).

Iniciei o meu trabalho com muitas dificuldades e preconceitos próprios da minha inexperiência de lidar com as mais diversas situações enfrentadas em sala de aula.

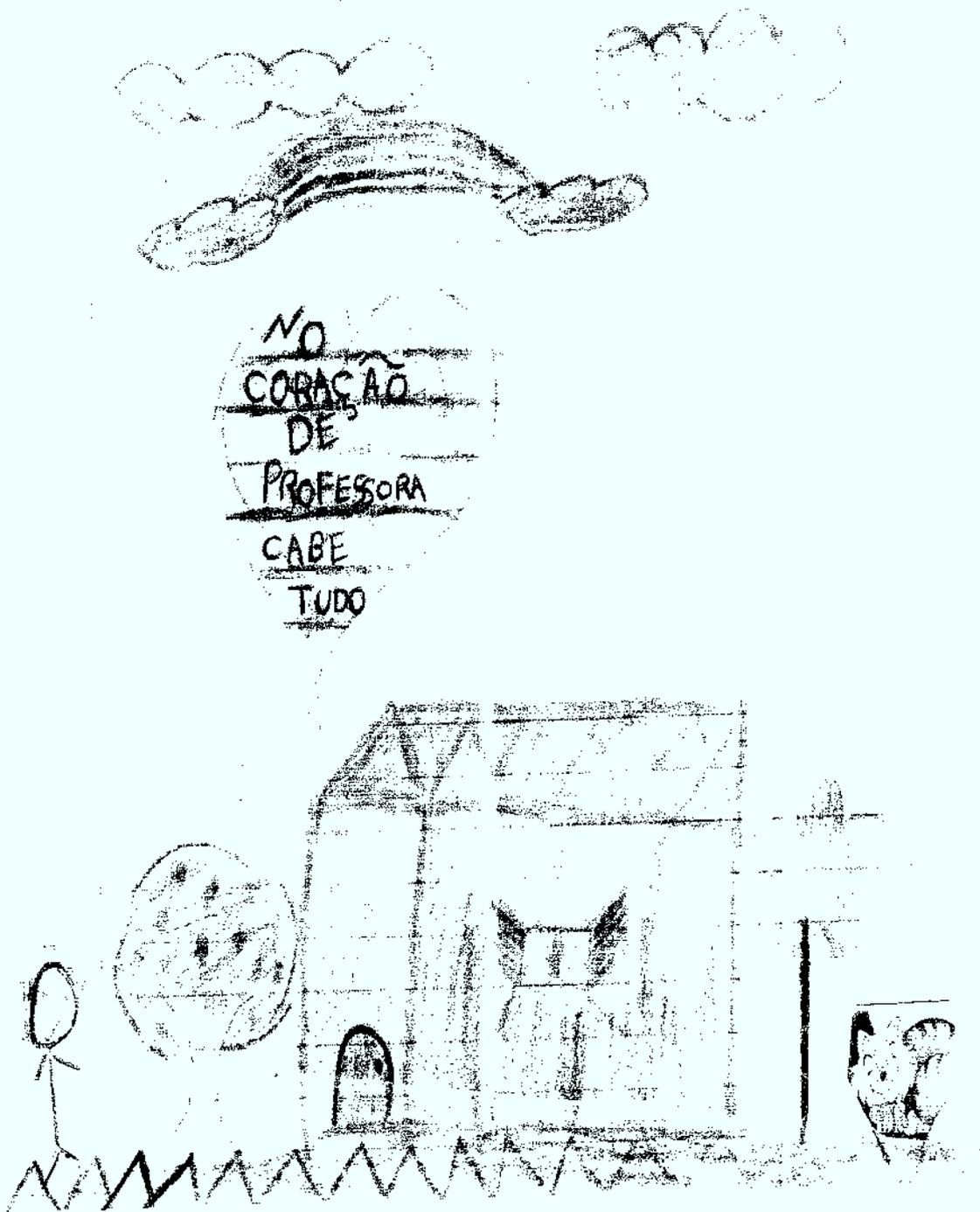
Minha reação inicial foi relutar contra a inclusão, por acreditar que não seria capaz de inserir esses alunos na turma.

No decorrer do ano letivo, fui construindo uma outra visão em relação à presença desses alunos em minha sala de aula.

Registro nesse estudo os momentos mais importantes eu vivi com essa turma bem como as expectativas e dificuldades que nela enfrentei. Tento ser a mais fidedigna possível neste relato que fiz com o intuito de mostrar toda a minha trajetória e o meu encontro com as diferenças na escola.

PARTE I: DEFININDO CONCEITOS...

G./2005



1. INCLUSÃO: O QUE É ISTO AFINAL DE CONTAS?

A inclusão é um desafio educacional que propõe a inserção completa e incondicional de todos os alunos nas salas de aula de ensino regular. Implica em entender as diferenças a partir de dimensões éticas baseadas no princípio do respeito, do reconhecimento e da valorização das diferenças.

Pode-se dizer que provoca melhores condições de ensino no espaço educativo escolar, entendendo que as diferenças existem e estão constantemente sendo feitas e refeitas e não são fixas no indivíduo.

Dessa forma, compreende-se que a escola, mais especificamente, a sala de aula, é um espaço complexo, diverso e heterogêneo. Tratar este local como tal, é reconhecer a originalidade e a autenticidade dos alunos e sua respectiva participação na construção de seu próprio conhecimento.

Valorizar e respeitar as diferenças no âmbito escolar implica numa busca por um ideal educativo de igualdade de direitos, visando o contato e o compartilhamento das singularidades humanas existentes.

Portanto, entende-se que a inclusão tem por objetivo valorizar e respeitar a condição de cada indivíduo de ser diferente, concebendo esta como um direito individual.

A inclusão impõe desafios múltiplos ao sistema de ensino. Surgiu da necessidade de oferecer a todos os alunos (pessoas com ou sem deficiência) acesso ao conhecimento, a um ensino de qualidade, sem fazer distinção / exceção e

cumprindo preceitos legais que dizem que todas as crianças devem ter acesso ao saber, à escola de ensino regular.

Segundo Mantoan (2006), a inclusão provoca uma crise de paradigma que exige da escola um novo posicionamento em relação a sua função de ensinar, provocando, assim, mudanças em toda a sua estrutura institucional.

Essas mudanças levam à necessidade de fazer com que a escola aperfeiçoe suas práticas pedagógicas e atinge também a formação inicial e continuada de professores para recriar um novo modelo educacional, baseado no respeito às diferenças.

*“A inclusão escolar remete a escola a questões de estrutura e de funcionamento que subvertem seus paradigmas e que implicam em um redimensionamento de seu papel, para um mundo que evolui a bytes”
(MANTOAN, 2006, p. 10).*

Ainda segundo esta autora, a inclusão implica também em uma mudança de perspectiva da própria instituição escolar já que envolve em seu contexto a todos os alunos com e sem deficiência.

Isto acontece porque, na verdade, todos os alunos são indistintamente diferentes entre si, apresentam as mais variadas dificuldades em relação ao ato de aprender, possuem identidades próprias, valores e crenças distintas.

A inclusão é um desafio educacional, um sonho possível de ser realizado, mas que implica em consideráveis dificuldades em sua implementação.

É sabido que, nos dias atuais, por não se tratar de um processo simples, essa proposta encontra fortes resistências/ obstáculos no âmbito educacional que a impedem, de certa forma, de obter sucesso em sua implementação, uma vez que, as escolas de ensino regular ainda não se acham preparadas para lidar com essa nova realidade educacional.

A falta de preparo refere-se ao fato de essas escolas apresentarem:

- Carência de adaptação específica para facilitar a locomoção de alunos com deficiência física.
- Salas de aula superlotadas, dificultando, assim, o trabalho docente a ser desenvolvido no decorrer dos dias letivos.
- Falta de recursos especializados para atender às necessidades de alunos com deficiência visual.
- Resistência por parte dos professores de vivenciar a experiência de ter alunos com deficiência em suas salas de aula.
- Apresentação do conhecimento de maneira fragmentada, dividido em disciplinas curriculares.
- Supervalorização dos conteúdos programáticos.
- Utilização do livro didático como recurso único para o desenvolvimento do ato de ensinar..
- Utilização de prova final como forma única de avaliar o desempenho dos alunos desconsiderando, assim, suas habilidades diversas e seu rendimento global.

E outros apontamentos.

1.2. DIFERENÇA X IDENTIDADE: UMA DEFINIÇÃO NECESSÁRIA.

Segundo Silva (1996), a diferença é concebida como uma entidade independente, uma vez que, faz alusão àquilo que o outro é (ela é negra, ela é branca / ela é magra, ela é obesa e outras). A diferença simplesmente existe e mantém uma estreita relação com a identidade.

Para compreender essa relação é necessário conceber a identidade como sendo uma entidade auto-contida, que faz referência a si própria. Ela destaca aquilo que se é (eu sou negro/ eu sou obeso/ eu sou estrangeiro...).

Sendo assim, só é possível destacar aquilo que se é (afirmar uma identidade) tendo em vista a existência de outras identidades tão distintas quanto à destacada. Por exemplo, ao dizer "eu sou negra", estou destacando a minha identidade porque ela não é única, existem outras tantas diferentes da minha em questão.

Pelo fato de a existência dessas "outras" existirem, Silva, aponta a necessidade de o indivíduo, ao afirmar sua identidade, destacar que o OUTRO não é o que ELE É. Caindo assim, nas malhas de tomar suas características próprias como sendo norma/modelo. E, o "outro", que não as possui, como objeto de avaliação, destacando e expondo a todo o tempo as suas diferenças.

Portanto, a identidade e a diferença são inseparáveis, ou seja, é a partir da afirmação da identidade que se define a diferença. Ambas as entidades são produções sociais e culturais.

"A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que a fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais" (SILVA, 2006, p.2).

Silva (1996), afirma que há, no ato de destacar uma identidade como norma, acontece a demarcação do que o "outro é". Essa demarcação vem de uma relação de poder implícita, cuja base se estabelece no poder que o indivíduo possui de, ao afirmar sua identidade, incluir ou excluir o outro de um determinado contexto.

"... A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam sempre as operações de incluir e de excluir. (...) Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está ligada sempre a uma forte separação entre "nós" e "eles". Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e re-afirmam relações de poder". (SILVA, 2006, p. 5).

Sendo assim, o que é deixado de fora, excluído, é sempre visto como "anormal", "diferente"... No entanto, esse "outro" não pode ser considerado

simplesmente um problema isolado, mas social já que o ato de normalizar uma identidade, de diferenciar é uma construção sócio-cultural.

O problema real está na dificuldade que as pessoas ditas “normais” têm de aceitar/ respeitar/ se relacionar/ conviver com a “diferença” criando estereótipos diversos, crenças distorcidas sobre o “ser diferente”.

Segundo Mantoan (2001), vivenciar, respeitar e conviver com a diferença significa aprender com o outro. No contexto escolar isto deve ser valorizado, pois, o outro sempre tem algo a nos ensinar e a nos dizer. As diferenças existem e têm que ser reconhecidas, valorizadas e respeitadas.

Ainda, segundo esta autora, conviver com o outro, reconhecendo e valorizando a diferença, é um procedimento essencial para a nossa existência, pois, é a partir daí que podemos ter contato com uma identidade forjada pelo outro.

“(...) aprendemos realmente quando reconhecemos o outro e nós como seres singulares, capazes de estabelecer vínculos entre si. Desses vínculos com os nossos pares, com os objetos e com os demais seres é que nascem o entendimento, a compreensão. A origem do conhecer é, certamente, o desejo de estabelecer e de fortalecer esses vínculos que contextualizam, humanizam, criam laços entre o objeto e o sujeito do conhecimento. Os laços afetivos fazem o conhecimento expandir-se, extrapolar o seu lado meramente cognitivo e penetrar em regiões mais fundas e significativas – as emoções, as sensações que surgem do aprender “ com os outros”, de fazer a quatro mãos”.

(MANTOAN, 2001,p.10).

Devido a essa dificuldade de convivência é sabido que a inclusão vem encontrando barreiras no interior das instituições escolares. Por se tratar de uma inovação educacional, essa proposta exige da escola um novo posicionamento frente às diferenças existente nessa instituição.

A inclusão propõe melhorias no ato de ensinar, visando atender às necessidades de todos os alunos e recriando o modelo educativo vigente; busca-se a escola de qualidade que reconhece a importância da valorização da diferença em seu interior como um dos princípios básicos para o sucesso da implementação da inclusão.

A escola tem insistido em resistir às inovações, neutralizando os desafios da inclusão; não busca um modelo educacional diferente do tradicional ainda presente na nossa realidade educacional.

A escola continua diferenciando seus alunos pela deficiência e/ ou dificuldade que este apresenta, desobrigando-se a rever/ repensar seu modelo educacional vigente.

Ela ampara-se no formalismo e na burocracia existente em seu interior e fragmenta o conteúdo a ser transmitido em disciplinas estanques, como se o conhecimento pudesse ser compartimentado. Faz assim para camuflar sua dificuldade e rigidez em abrir-se para o novo.

Os alunos que não se enquadram nas perspectivas da escola são destacados pelo sistema educacional como sendo "diferentes" e destinados ao fracasso.

1.3. EDUCAÇÃO: UM DIREITO RECONHECIDO.

A educação é entendida como um processo de desenvolvimento que propicia ao ser humano a possibilidade de se desenvolver e de se transformar continuamente.

Existem várias correntes que tentam dar uma definição para o termo educação. No entanto, todas acabam abarcando a idéia de educação como um processo de desenvolvimento.

Segundo Libâneo (2002), a concepção naturalista de educação entende que sua finalidade seria trazer/ tirar para fora o que já existe no indivíduo. Dessa forma, ensino e educação devem adaptar-se à natureza biológica e psicológica de cada aluno.

Uma segunda corrente de pensamento abrangeria as concepções pragmáticas de educação, entendendo esse termo como um processo imanente ao desenvolvimento humano e que lhe propiciaria a adaptação ao meio social.

A educação seria resultado de experiências vividas pelo indivíduo na sua interação com o meio. As funções cognitivas seriam desenvolvidas a partir dessas interações.

Ainda segundo esse mesmo autor (Libâneo, 2002) há uma outra concepção de educação, a concepção espiritualista, que entende a educação como um processo interno ao indivíduo, que permite o seu aperfeiçoamento gradativo, mas

para que esse aperfeiçoamento realmente aconteça é necessária a adesão à verdades ensinadas de fora.

As concepções culturalistas entendem a educação como uma atividade cultural que propicia a formação dos indivíduos, mediante a transmissão de bens culturais. Ao apropriar-se desses valores culturais, os educandos formam a sua vida, sua personalidade e produz mais cultura.

Uma outra corrente apontada por Libâneo (2002) é baseada em concepções ambientalistas, que acreditam que o homem é um ser moldável, ou melhor, suas características se desenvolvem mediante a ação do ambiente externo. Portanto, a educação seria entendida como uma organização de situações estimuladoras que serviria para controlar o comportamento humano desconsiderando seus desejos, anseios, sentimentos...

Uma última corrente apresentada pelo autor, refere-se a concepções interacionistas, que entendem a educação como um processo pelo qual o ser humano tem a possibilidade de se desenvolver tanto biológica como psiquicamente na interação com o meio.

Mediante todas essas várias concepções apresentadas por Libâneo pode-se entender a educação como sendo um processo de desenvolvimento humano que promove o ser nos aspectos intelectual, cultural, social.

No título I, da Lei nº 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) há uma breve conceituação de educação e de sua respectiva abrangência:

DA EDUCAÇÃO – TÍTULO I.

Art. 1º - A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Ainda, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a educação é um direito garantido legalmente nos termos nela estabelecidos e pauta-se na preparação do indivíduo para a vida em sociedade.

DOS PRINCÍPIOS E FINS DA EDUCAÇÃO NACIONAL – TÍTULO I.

Art. 2º - A Educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Na Constituição Federal de 1988 (cap. II, art.205), esse direito também é reconhecido e pautado nos objetivos educacionais de: promoção do pleno desenvolvimento do indivíduo, preparação para a cidadania e qualificação para o trabalho.

Contudo fica bem claro nos termos legais que, todos os indivíduos (com deficiência ou não) têm direito ao acesso a educação pública, gratuita e de qualidade.

Segundo Mantoan, o direito à educação é natural e indisponível, mediante o qual, a escola tem que se adaptar às necessidades de cada educando, atendendo às suas especificidades da melhor forma possível, sem discriminações e/ou exceções.

1.4.DIREITOS A SEREM RECONHECIDOS.

Tendo em vista a Constituição Brasileira de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases de 20 de dezembro de 1996, a Educação é um direito legalmente reconhecido, contudo, é sabido que este não tem sido assegurado a todos os alunos.

A Lei de Diretrizes e Bases – LDBEN/96 trata a Educação Especial como uma modalidade de ensino, determinando que todos os alunos com deficiência devem obrigatoriamente ser matriculados e freqüentar regularmente a escola comum e, em horário oposto aos das aulas, participar de atendimento educacional especializado complementar.

No entanto, os alunos com deficiência, na prática, têm sido relegados a espaços de ensino semi ou totalmente segregados que são as salas de escolas especiais e classes especiais.

Para esses alunos, infelizmente, o direito de acesso às salas de ensino regular lhes é negado, sendo expostos a vivenciarem situações de exclusão no contexto escolar.

Segundo Mantoan, a exclusão acontece de variadas formas, porque a escola se democratizou, mas não se abriu para as mudanças educacionais decorrentes da democratização.

"A exclusão escolar manifesta-se das mais diversas e perversas maneiras, e quase sempre o que está em jogo é a ignorância do aluno diante dos padrões de cientificidade do saber. Ocorre que a escola se democratizou, abrindo-se a novos grupos sociais, mas não a novos conhecimentos. Por isso exclui os que ignoram o conhecimento que ela valoriza e, assim, entende que a democratização é massificação do ensino." (MANTOAN, 2006, p.15).

É sabido que a defesa do direito à educação escolar das pessoas com deficiência é um processo recente em nossa sociedade e realizado através de medidas isoladas.

No Brasil, a partir do século XIX, a história da Educação Especial está pautada em um modelo assistencialista (modelo médico-psicológico) e segregativo. A Educação Especial visou, sobretudo, a cura das deficiências ou amenização destas por meio dos processos de reabilitação, em que predominou o atendimento terapêutico e a assistência médica, presentes nas instituições especializadas.

As políticas educacionais responsáveis por atender a esse modelo, estavam centradas nas mãos de pessoas ligadas a movimentos particulares, beneficentes, de atendimentos à deficiência.

Em 1970, inicia-se a integração de crianças e jovens com algum tipo de deficiência, nas escolas comuns. Mesmo assim, as escolas especiais continuam a existir e começam a ser criadas as salas de recursos dentro das escolas comuns.

Entretanto, nem todos os alunos tinham o privilégio de serem integrados nas escolas comuns, somente os alunos com deficiência considerados “mais aptos” para lidar/ apreender o conteúdo transmitido por essas escolas.

A partir da década de 80 e 90, as pessoas com deficiência passaram a se organizar e a participar de Fóruns, Conselhos, e a reivindicar direitos ainda não conquistados como, por exemplo, acessibilidade ao trabalho e transporte, eliminação de obstáculos arquitetônicos que impedem a liberdade de locomoção e outros.

Nesse período, inicia-se a luta para que todos os alunos com deficiência tivessem acesso às salas de ensino regular das escolas comuns, passando a exigir destas ambientes físicos e procedimentos educativos adaptados às necessidades de cada aluno inserido e respeitando as suas especificidades.

De acordo com Marcolino (2001), atualmente cerca de 80% dos alunos com deficiência ainda estão a cargo de instituições filantrópicas e atendidas em instituições especializadas.

Mediante esta realidade, embora tenha havido avanços no âmbito da Educação Especial, ainda se pode deparar com três possíveis encaminhamentos para alunos com deficiência : os dirigidos unicamente ao ensino especial, os que participam da inserção parcial (integração) e os que determinam a inclusão total e incondicional de todos os alunos com deficiência nas salas de ensino regular (inclusão).

Por se tratar de um desafio, é sabido que nem todas as crianças com deficiência têm acesso ao ensino regular devido a vários fatores, dentre eles, destaca-se o posicionamento de muitos profissionais da Educação que fazem uso dos seguintes argumentos para justificar o não acesso à escola regular de tais alunos: a situação precária das escolas públicas, que apresentam salas superlotadas, falta de recursos pedagógicos para trabalhar com estes alunos em sala de aula...e outros.

Para muitos alunos, a escola é o único meio de acesso ao saber e, sendo assim, se a escola insiste em manter um posicionamento rígido, fechando as portas para a diferença, qual espaço que esta criança marginalizada/ excluída terá para adquirir sua autonomia e conhecimento?

Acredito que em nenhum outro espaço que não ao da escola comum. Cabe, então, à escola comum "quebrar seus tabus" e rever/ repensar qual é realmente a sua finalidade. Se é apregoar/ reproduzir desigualdades ficará fechada para a diferença; se é propiciar a construção do conhecimento/formar cidadãos, então é inconcebível que permaneça fechada às diferenças, professando um discurso inadequado/ que exclui o sujeito do processo de construção do saber.

No entanto, o que se observa é que a escola tem adotado práticas pedagógicas que descaracterizam as qualidades e potencialidades individuais de cada educando, estipulando um único ritmo de aprendizagem a todos os alunos e inibindo, assim, as suas possibilidades de avanço no processo educativo.

Ainda segundo esse autor, existe um distanciamento da escola em relação à vida e a prática social. Este distanciamento está relacionado diretamente à necessidade de uma formação social capitalista que apóia o desenvolvimento das formas produtivas.

Portanto, mediante este ponto de vista, exigiu-se da escola um posicionamento centrado na formação rápida voltada para a preparação de mão - de - obra para o mercado de trabalho.

O fruto dessa "exigência" gerou a fragmentação do conteúdo programático em disciplinas que isola o conhecimento como se este pudesse realmente ser compartimentado.

Convencionou-se, então, que esse conhecimento fragmentado e tão valorizado pela escola, deveria ser dominado pelos alunos, a todo o custo, num tempo estipulado pela mesma e que os processos de verificação (provas e testes) é que iriam "medir/determinar" se a criança realmente havia se apropriado desse conhecimento transmitido ou não.

E, não por coincidência, o resultado desta verificação é que é o responsável por traçar todo o destino escolar de cada educando. Freitas (2003) destaca que, "quem domina" o conteúdo programático escolar "avança e quem não aprende repete o ano (ou sai da escola)" (p.27).

O mesmo autor aponta que essa necessidade de criar instrumentos de verificação para constatar se o aluno aprendeu ou não também resultou do distanciamento da escola em relação à prática social.

“A necessidade de introduzir mecanismos artificiais de avaliação (provas, testes etc.) foi motivada pelo fato de a vida ter ficado do lado de fora da escola. Com isso ficaram lá também os ‘motivadores naturais’ para a aprendizagem, obrigando a escola a lançar mão de ‘motivadores artificiais’ ”. (FREITAS, 2003, p. 28).

Segundo Ambrosio (1998), a situação atual da escola deve-se ao fato de sua lentidão em adaptar-se às necessidades da sociedade moderna e às mudanças estabelecidas no âmbito social. O autor destaca que:

“A escola funciona na sociedade de hoje com efeitos na sociedade do futuro. O tempo da escola e o tempo da sociedade são distintos” (AMBROSIO, 1998, p.239).

Nóvoa (1998) destaca a importância e a necessidade de repensar a escola de hoje, a fim de trazer para o cenário educativo o vértice perdido buscando novas respostas para um velho problema (p.20).

“Precisamos de uma outra ciência (escola): que não se baseie no excesso do mesmo (progresso), mas na aceitação do outro; que não reivindique uma explicação singular, mas se reconheça na pluralidade

dos sentidos; que compreenda os limites da sua interpretação e da sua ação no mundo” (NÓVOA, 1998, p.21).

Superar o ensino tradicional e recriar o modelo educacional são propostas apresentadas pela inclusão com o intuito de mostrar que é possível a escola ensinar, com vistas a um ensino de qualidade para todos sem exceções.

Esse ensino de qualidade prima por um trabalho pedagógico bem desenvolvido, que não fragmenta o conhecimento e promove ações educativas cujos parâmetros são a solidariedade, a colaboração, a cooperação entre os alunos.

As escolas que reconhecem e valorizam as diferenças em seu interior, oferecem um ensino que atende às necessidades e especificidades do aprender de cada aluno e o seu desenvolvimento em todos os sentidos.

“ As escolas de qualidade são espaços educativos de construção de personalidades humanas autônomas, críticas, onde as crianças e jovens aprendem a ser pessoas. Nesses ambientes educativos, os alunos são orientados a valorizar a diferença pela convivência com seus pares, pelo exemplo dos professores, pelo ensino ministrado nas salas de aula, pelo clima socioafetivo das relações estabelecidas em toda a comunidade escolar – sem tensões competitivas, mas com espírito solidário, participativo (...) São contextos escolares em que todos os alunos têm a possibilidade de aprender, frequentando uma mesma e única turma.” (MANTOAN, 2006, p.45).

Para que a escola atual se enquadre nos preceitos inclusivos, é necessário que esta reorganize suas diretrizes gerais baseada no seu Projeto Político Pedagógico, leve em consideração que todos os alunos sabem algo, nutra uma elevada expectativa em relação à capacidade destes de progredir, explore os talentos existentes dentro das salas de aula e mantenha um olhar atento às dificuldades apresentadas no contexto educativo.

Em resumo, é preciso passar de um ensino transmissivo para uma pedagogia dialógica, interativa...

A adoção de uma pedagogia das diferenças propicia o rompimento das fronteiras entre as disciplinas curriculares, formação de redes de conhecimento e de significações, integração de saberes, autonomia do sujeito, acesso ao conhecimento e outras. Neste caso, a avaliação, também passa a ser utilizada como um recurso construtivo, ou melhor, um momento propício em que o professor pode estar revendo sua prática pedagógica.

1.6. A FORMAÇÃO DOCENTE NO CONTEXTO INCLUSIVO: UM PONTO A SER DISCUTIDO.

No interior das instituições escolares, vários docentes acreditam não estarem preparados para lidar com os inúmeros desafios impostos pela inclusão de alunos com deficiência nas salas de ensino regular.

A inclusão desses alunos, é um desafio que exige tanto da escola quanto dos profissionais que dela fazem parte, um novo posicionamento, um repensar crítico

sobre a educação em geral, sobre a finalidade do que se quer ensinar, como e por quê.

O que se tem presenciado no âmbito educacional é uma resistência à inclusão proveniente da alegação, de os professores não estarem preparados para enfrentar essa proposta especialmente quando se trata da inserção de alunos com deficiência.

Esse despreparo pauta-se no discurso de que não possuem uma formação específica para lidar com esses alunos em sala de aula de ensino regular.

Os professores acreditam que, pela falta dessa formação, não têm conhecimentos necessários para trabalhar com as necessidades e especificidades dos alunos com deficiência no contexto do ensino regular.

Na verdade, o fato de não terem essa formação não deve servir como motivo de resistência às mudanças no âmbito educacional, mas como uma necessidade de buscar, mediante as mais variadas experiências vividas, o conhecimento necessário para enriquecer e melhorar o seu trabalho pedagógico para atender a todos os seus alunos.

Segundo Mantoan (2006), os profissionais da Educação tendem a crer que toda a instrução apreendida na formação específica para atender alunos com deficiência propiciará uma abrangência de competências que lhes permitirá resolver todos os problemas enfrentados em sala de aula.

Esperam que com esta formação específica, estarão aptos/ preparados para ensinar os alunos com deficiência e lidar com as suas dificuldades de aprendizagens

Também acreditam que, com essa formação, poderão se enquadrar nos parâmetros que caracterizam um professor inclusivo.

Essa visão equivocada de formação faz retardar a inclusão de alunos com deficiência, pois os professores se recusam a ensiná-los. Acreditam ser impossível desenvolver um trabalho satisfatório com esses alunos, no ensino regular, sem conhecerem a Educação Especial.

Mantoan acredita que, para que os professores comuns possam se enquadrar no contexto inclusivo é necessário uma formação inicial e em serviço pautada no aprimoramento profissional para ensinar a todos os alunos com e sem deficiência.

Segundo essa autora, essa formação docente deve ir além de aspectos instrumentais de ensino.

“Como se considera o professor uma referência para o aluno, e não apenas um mero instrutor, a formação enfatiza a importância de seu papel, tanto na construção do conhecimento como na formação de atitudes e valores do cidadão. Por isso, a formação docente vai além dos aspectos instrumentais de ensino.”

(MANTOAN, 2006, p.55).

Esse ir além, significa ter como ponto inicial o saber-fazer docente considerando seus conhecimentos (sobre) e sua ampla experiência no contexto diário escolar.

“Assim como qualquer aluno, os professores não aprendem no vazio. Por conseguinte, a proposta de formação parte do “saber fazer” desses profissionais, que já possuem conhecimentos, experiências e práticas pedagógicas ao entrar em contato com a inclusão ou outra inovação educacional.” (MANTOAN, 2006, p.57).

A inclusão de alunos com deficiência nas escolas comuns implica, portanto, em qualidade do processo de ensino escolar para todos os alunos e não de uma formação especializada do professor da escola comum para ensinar alunos com deficiência.

Para que os alunos com deficiência possam enfrentar, com suas limitações, o ensino nas turmas regulares das escolas comuns, há que existir nessas escolas o professor especializado, que atua no atendimento educacional especializado – ensino especial.

Esse atendimento especializado ocorre no turno oposto ao das aulas dos alunos com deficiência, nas turmas comuns.

Trata-se de um serviço da Educação Especial que é uma das garantias da inclusão do aluno com deficiência na escola. O atendimento educacional especializado complementa a formação do aluno e não substitui o ensino escolar

que tem como fim a aprendizagem dos conteúdos das áreas do conhecimento: língua portuguesa, matemática, ciências etc.

Esse atendimento instrui o aluno com deficiência em relação a outros conteúdos, tais como: o código Braille, tecnologia assertiva, Libras e outros.

De posse de ferramentas que podem apoiá-lo na sala de aula comum, para participar do que nela está sendo ensinado, o aluno com deficiência terá melhores condições de caminhar no seu processo de escolarização.

O atendimento educacional especializado além de instruí-lo no uso dessas ferramentas específicas para apoiá-los nas salas comuns, complementa a formação desses alunos, propiciando-lhes condições de se manterem nas turmas comuns pela consciência de que, apesar das barreiras a serem transpostas na escola, eles podem transpô-las na medida de suas possibilidades e capacidades.

O professor especializado é um parceiro do professor da sala comum de ensino regular, mas não o substitui em sua função de ensinar a todos os seus alunos com e sem deficiência.

Essa parceria tem a ver com trocas de experiências de ensino, que dizem respeito ao aluno com deficiência que têm em comum.

Em resumo, o professor comum deve ser cada vez mais “especializado” em ensinar, segundo as diferenças de todos os alunos e não “especializado” nos alunos com deficiência incluídos em suas turmas.

O professor especializado deve ser cada vez mais preparado para que seus alunos com deficiência possam ter sucesso nas salas de aula comum, a partir do que lhe ensina no atendimento educacional especializado.

PARTE II: RELATANDO UMA EXPERIÊNCIA...



1.0 INÍCIO DE TUDO.

É difícil iniciar. Sentimos vontade de escrever tudo o que imaginamos poder registrar. Mil e uma passagens de momentos importantes nos vêm à mente e temos a leve sensação de que podemos escrever tudo e, o que é pior, ao mesmo tempo. No entanto, algo inesperado acontece, nos surpreende e, de certa forma, nos abala: faltam-nos as palavras.

Sim. Palavras para escrever as conquistas obtidas, os sorrisos e alegrias que estas despertaram em algum momento de nossas vidas; palavras para escrever os sucessos alcançados ao longo de nossa trajetória profissional e as modificações que estes promoveram em nossa concepção de prática docente... Faltam-nos palavras para escrever as inúmeras e sucessivas tentativas de mudanças e seus respectivos insucessos e as inumeráveis frustrações, conseqüentemente causadas.

E, é assim que inicio o meu simples relato: cem experiências para contar e sem palavras para expressar todos os sentimentos envolvidos nesse trâmite em sala de aula, ao longo do ano de 2005.

Entre a solidez das paredes de uma sala de aula é que se esconderam as palavras. Procuvo-as por toda a parte, reúno-as... Tão distantes... E, as experiências tão vivas... Tão marcantes... Tão presentes... Desdobrando-se num caminho de descobertas e aprendizagens diversas.

Caminho cheio de obstáculos e constituído de pontos de interrogação. Percorrê-lo? É correr riscos, sem dúvida. Todavia, é inevitável dele fugir. Vivenciá-lo, é um processo necessário que faz a profissão docente ter sentido.

[Br1] Comentário: "(...) o sujeito constrói o seu saber activamente ao longo do percurso de sua vida. Ninguém se contenta em receber o saber, como se lê e fosse trazido do exterior pelos que detêm os seus segredos formais..." (NÓVOA apud DOMINICE, 1990, p. 149 – 150).

[Br2] Comentário: "... Não se pode sonhar a força. E ninguém sonha unicamente para agradar aos outros. Mas quantos dentre nós nos mantemos de corpo inteiro, de sentimento inteiro com a consciência de que na profissão docente é impossível separar o eu profissional do eu pessoal, sem ilusões que os tempos presentes não estão para tal, mas na certeza de que ser professor é uma profissão que só assim vale a pena ser vivida". (NÓVOA, 1998, p.37).

Portanto, é nesse caminho que me aventurei a percorrer dentro de uma escola municipal na cidade de Hortolândia/SP. Sabia que não estava sozinha. Vários companheiros de profissão também estavam caminhando comigo, mas em momentos distintos deparei-me repetidas vezes com as carteiras, os alunos, os problemas e eu.

A escola localizava-se em um dos bairros mais carentes do município. Cercada por ruas de terras, alguns barracos de madeira e casas comuns, não escondia em meio aos conflitos enfrentados no cotidiano, o seu caráter acolhedor e comprometido em atender, na medida do possível, as necessidades da população que dela fazia uso.

Por localizar-se em uma região carente, os profissionais que ali trabalhavam, encontravam certas dificuldades em relação à falta: de material pedagógico, de transporte, de acesso à escola...

Mas mesmo diante destas dificuldades, não perdiam a alegria de pertencer àquele espaço escolar e a esperança de poderem, através do trabalho desenvolvido, contribuir significativamente para a modificação da realidade em que viviam aquelas crianças.

Foi então que, preocupada em como acolher esses alunos, a direção da escola reuniu, antes do início dos dias letivos, todos os professores para organizar os primeiros dias de aula. Surpresa? Não. Todos estavam eufóricos queriam saber notícias sobre os novos alunos. Como seriam? Qual professor teria o mais danadinho de determinada turma do ano anterior? Queriam falar juntos.

[Br3] Comentário: " Os ambientes humanos de convivência e de aprendizado são plurais por natureza. Assim, a educação escolar não pode ser pensada nem realizada senão a partir da idéia de uma formação integral do aluno – segundo suas capacidades e seus talentos – e de um ensino participativo, solidário e acolhedor." (MANTOAN, 2006, p.9).

Parecia tão interessante e atraente esse percurso da aprendizagem que acabei sendo seduzida pela idéia de sentir/ ver esse "juntar e descobrir". Naquele ano, eu queria vivenciar o diferente.

Fácil? De maneira nenhuma. Sabia que o caminho era longo, cheio de percalços, transtornos, descobertas... Portanto, o medo do "desconhecido" era muito grande. Medo de não dar conta da tarefa a mim destinada.. Medo dos desafios diversos que estavam por vir. Medo da minha própria inexperiência no caso.

Esse sentimento aumentou minutos mais tarde, no momento em que tive acesso à lista da minha classe. Foi um grande susto. Havia 37 alunos em minha sala de aula. Fiquei pensando o que iria fazer com tantas crianças já que o espaço da sala de aula não era tão favorável assim. Em minha mente, pensei mil e uma maneiras de estar junto com esses alunos até o final do ano letivo.

Nesse momento de imaginação, em hipótese alguma passou pela minha mente receber um aluno com deficiência física ou mental. Nem sequer pensava como seria tal experiência e nem como reagiria diante de tal situação.

Todavia, sabia que se tratava de alunos desconhecidos, com histórias diferentes para contar. Estudantes marcados desde cedo pela dura realidade da vida e que, talvez, também estivessem ansiosos em saber o que iria acontecer durante aquele ano letivo: o que iriam aprender, como e quem seria seu (a) professor (a).

Talvez, esperassem encontrar ali, naquela instituição escolar, um espaço para brincar, fazer novos amigos, conversar... E eu, como professora daquela turminha, até então desconhecida, por mim, almejava encontrar, naquela escola, um

[Br5] Comentário: "... o medo é um sentimento de grande inquietação, uma perturbação angustiosa do ânimo, ante a noção de um perigo real ou imaginário, de uma ameaça, receio ou apreensão de que suceda alguma coisa contrária ao que se deseja; pânico, pavor, terror que ocasiona a perda da capacidade de solucionar racionalmente a situação que o provoca e que conduz a duas reações: fuga ou paralisação". (SOUZA, 2005, p.19)

[Br6] Comentário: De acordo com Dejours, o medo aumenta com a ignorância. Quanto mais a relação homem/ trabalho está calcada na ignorância, mais o trabalhador tem medo. São mais duramente atingidos aqueles que são novos no trabalho, totalmente desarmados em face a um mistério e a um risco mais indefinido, e aqueles que mudam de função e ainda não conhecem os "macetes" próprios dela". (SOUZA, 2005, p. 30).

ambiente propício que me auxiliasse no caminho que iria percorrer ao longo daquele ano letivo.

Comecei, então, a entender que aquela turma seria especial e que me favoreceria a vivência de novas experiências.

1.2.O INÍCIO DAS AULAS

As aulas se iniciaram. Era 10 de fevereiro. A escola estava repleta de crianças/ de vozes diversas que tentavam euforicamente contar para os amiguinhos como tinham sido suas férias. Sorrisos para todos os lados, correria, ansiedades diversas tanto para as crianças que queriam saber quem seria sua nova professora quanto para os professores.

Aparentemente, alguns alunos pareciam não ver a hora do sinal bater para entrar em sua sala de aula. Queriam conhecer o novo espaço onde iriam ficar até o final do ano letivo. Pressa de sentar-se naquelas carteiras tão arrumadinhas, tomando cuidado para não ficarem longe do velho colega.

Outros por já estarem familiarizados com a escola, por já estudarem ali nos anos anteriores, percorriam o espaço escolar com aparente naturalidade. Conheciam a maior parte dos professores que ali trabalhavam e os demais funcionários, as salas de aula... Tudo era tão conhecido que, eufóricos, tentavam apresentar aquele espaço para os demais colegas e até mesmo para os seus irmãos.

[Br7] Comentário: "Os ambientes humanos de convivência e de aprendizado são plurais por natureza. Assim, a educação escolar não pode ser pensada nem realizada senão a partir de uma formação integral do aluno – segundo suas capacidades e seus talentos – e de um ensino participativo, solidário, acolhedor."
(MANTOAN, 2006, p. 9).

[Br8] Comentário: "A inclusão não ocorre da noite para o dia, e algumas escolas já vêm percorrendo um longo caminho, em busca de melhoria nas suas práticas, para oferecer um ensino de qualidade a todos. É necessário percorrer estes caminhos para que se efetive a inclusão, e são necessárias mudanças tanto na escola quanto na sociedade, se quisermos alcançar esse fim. A escola regular precisa se preparar para oferecer uma educação para todos."
(MARCOLINO, 2001, p. 16).

[Br9] Comentário: "A criança é um ser cognoscente e em desenvolvimento. Além disso, o desenvolvimento e a aprendizagem dependem das trocas que a criança realiza com o meio social, cultural e físico ao seu redor. Daí a importância da qualidade das solicitações do meio escolar no sentido de favorecer os avanços cognitivos, sociais e afetivos das crianças em geral."
(MANTOAN, 2001, p.22).

Os pais ali presentes pareciam também esperar algo da escola. Claro que sim. Almejavam que seus filhos fossem bem acolhidos e recebidos na escola.

Talvez por não terem tido a mesma oportunidade de acesso à escola que os seus filhos estavam tendo naquele momento, esperassem muito dela: um posicionamento decisivo na vida futura de seus filhos. E até mesmo destinando à escola, inconscientemente, papéis não cabíveis à sua responsabilidade educacional.

Quanto aos professores, aguardavam com ansiedade sem igual o sinal bater. Estavam na sala dos professores conversando sobre o iniciar das aulas: o que haviam planejado para aqueles primeiros dias.

Alguns pareciam demonstrar certa segurança na nova relação que seria estabelecida com os novos alunos e faziam planos para sustentá-la de forma a manter vínculos afetivos por um longo período de tempo.

Outros pareciam apáticos em relação à nova situação, à nova série que haviam "escolhido" na atribuição. O motivo desta insatisfação era simples de explicar: não tinham conseguido a turma que almejavam sendo, desta forma, obrigados a assumir uma outra, que não era do seu agrado.

A profissão de professor é imprevisível, por não garantir em que série iremos lecionar, destinando aos professores iniciantes as turmas que sobram na atribuição.

Mas, mesmo aparentemente insatisfeitos, esses novos professores demonstravam-se preparados para receber os seus alunos. Havia planejado, com carinho, atividades de acolhimento às turmas com intuito de, estabelecerem uma

[Br10] Comentário: "Aos professores cabe fazer acontecer a educação ao invés de executar a tarefa de ensinar programas prontos e elaborados por outros. Nesse contexto, a avaliação da aprendizagem deixa de ser uma forma de analisar apenas o aluno, passando a analisar conjuntamente o aluno, o ensino e a atuação dos professores." (MARCOLINO, 2001, p.12).

[Br11] Comentário: "É fundamental que tenhamos bem claro nosso sonho educacional, o melhor, o objetivo que queremos atingir ao dedicar horas, dias, anos de nossas vidas a ensinar." (MANTOAN, 2006, p.10).

relação saudável com a nova sala e seus alunos. Contavam também com o apoio de professores mais experientes.

Dado o horário de entrada, os professores se dirigiram para as suas salas de aula. O tumulto era grande, mas tudo se acalmou minutos depois que todos os alunos haviam se acomodado. Foram feitas as apresentações costumeiras de início de ano.

Naturalmente, assim como todas as demais companheiras de trabalho, conduzi os meus alunos para a sala de aula. O silêncio nos acompanhava. Os olhares das crianças se entrecruzavam numa busca incessante de tentar conhecer a sala onde iriam estudar naquele ano.

Olhares desconfiados, cochichos diversos, choro desconsolado... Pareciam estar com medo, desconfiados e apreensivos. A minha presença ali parecia incomodá-los de alguma forma. Eu era uma estranha em meio àquela turminha que já se conhecia desde a Pré-Escola.

Ninguém dizia nada. Só murmuravam entre si. Era impossível escutar o que diziam. Com certeza não queriam que eu participasse do assunto. A conversa era de criança para criança. Segredo absoluto e inconfidente.

Iniciei a corriqueira apresentação de costume, destacando que estaria ali não só para ensinar, mas aprender tudo aquilo que eles tivessem para me ensinar.

Sim, iríamos aprender juntos. Eu tinha muito para ensiná-los, enquanto professora iniciante que era tentando explorar uma realidade diferente. E eles muito

[Br12] Comentário: "...aprender implica ser capaz de expressar, dos mais variados modos, o que sabemos; implica representar o mundo a partir de nossas origens, de nossos valores e sentimentos." (MANTOAN, 2006, p.15).

para me ensinar, enquanto crianças envolvidas em um mundo de brincadeiras e sonhos.

Iriamos enfrentar juntos as dificuldades. Eles iriam me ajudar a entender quão bom era vivenciar a minha profissão explorando o desconhecido ao apresentar-lhes o "mundo da leitura e da escrita".

Findada a apresentação, propus aos alunos algumas dinâmicas de acolhimento. Todos participaram com interesse sem igual. Envolveram-se tanto com as atividades propostas que nem perceberam o tempo passar.

Soou o horário de saída e eu conduzi a turminha até o portão da escola. Era hora de entregá-los aos pais. Beijos e abraços para todos os lados. Inúmeras promessas de voltar no dia seguinte também não faltaram naquele momento de despedida.

Naquele dia, saí da escola deslumbrada com a nova turma, fazendo mil e um planos para os outros dias de aula. Sentia um desejo muito grande de acompanhá-los na construção do conhecimento. Almejava acompanhar o sucesso daquela sala e estava disposta a proporcionar-lhes, na medida do possível, condições favoráveis para que isto acontecesse de fato.

Na verdade, estava ciente de que essas condições não dependiam somente de mim enquanto professora, mas de todo o conjunto escolar em que estava inserida e, sem dúvida, do apoio da família dessas crianças.

[Br13] Comentário: "O sonho (...) é um trabalho de espírito. É aquilo que os psicanalistas destacam a propósito do que se trama no inconsciente. O sonho (...) também é um trabalho que leva tempo, mobiliza energia, torna-se indisponível para outras atividades(...) Quando não se realiza, o sonho de diferenciação é vivido inevitavelmente sob forma de renúncia, de frustração." (Perrenoud, 2001, p.40).

[Br14] Comentário: "Vivenciar uma experiência nova, talvez fizesse o professor sentir um medo maior podendo até sentir-se totalmente desarmado face a esse mistério (alfabetização) e a um risco mais indefinido: como ajudar o aluno que não aprende? Como garantir e acelerar o aprendizado? O que fazer numa sala onde os alunos não lêem nem escrevem?" (SOUZA, 2005, p.31).

Sabia que sozinha era impossível alcançar resultados satisfatórios, mas tinha esperança de conquistar essas condições em meio às dificuldades encontradas naquela escola e no seio familiar também.

1.3.TERCEIRO DIA: O ANTONIO.

Vozes diversas, correria, gritos estridentes... Crianças esbarravam-se umas nas outras, sorrisos para todos os lados... Queriam brincar, queriam explorar os espaços da escola.

Pareciam sentir-se livres. Eram preciosos os poucos minutos de correria antes da entrada. Era importante para eles aquele momento de descontração. Sendo crianças, queriam brincar.

Bateu o sinal como de costume. Confusão total. As crianças, eufóricas e cansadas procuravam acomodar-se junto com os alunos de sua sala. Era hora de iniciar as atividades escolares e o momento de deixar a doce brincadeira.

Após o sinal, fui para o pátio onde as crianças formavam a fila. Estava ansiosa para revê-los. Percebi, então, a presença de um aluno que, até então, não havia freqüentado os primeiros dias de aula.

Tratava-se do Antonio. Seu rostinho se destacava dentre os demais por ser diferente: era bem alongado e seus olhinhos, levemente, localizados mais na parte lateral da face. Tinha 7 anos.

Sorridente, fitou-me com alegria sem igual. Parecia querer contar-me algo. Talvez quisesse falar-me um pouco de sua experiência com os demais coleguinhas no momento da correria.

Disse – me apenas: “Oi, pro”.

Esse cumprimento, inicialmente, por ser tão comum e natural, parecia não dizer nada, mas naquele momento significava muito para mim, como professora.

Este encontro, por tratar-se de um momento em que eu estava começando a me identificar com a nova turma foi especial. Já estava aprendendo a conhecê-los.

Digo ainda encontro pelo fato do Antonio ter vindo para a turma. Eram seus amigos desde a Pré-Escola. Parecia não estranhar a escola, os gritos, a correria, a euforia...

Mas foi também um momento de desencontro porque, deparei-me com algo que nunca havia imaginado ter de enfrentar: trabalhar com uma criança com deficiência em uma sala superlotada de ensino regular.

Por ser uma professora novata, acreditava que alunos com deficiência só poderiam estar freqüentando as salas de aula de professoras mais antigas por serem mais experientes.

Ao observá-lo, fiquei imaginando como seria a minha convivência com o Antonio durante todo aquele ano letivo. Como daria conta daquele aluno? Como faria para que ele trilhasse os caminhos da alfabetização?

[Br15] Comentário: "(...) A escola deve ser um espaço de pleno desenvolvimento para a cidadania, de acolhimento de todos tentando suprir as necessidades de cada um." (MARCOLINO, 2001, p.18).

[Br16] Comentário: "Caracteriza-se por limitações significativas tanto no funcionamento intelectual como na conduta adaptativa, na forma expressa em habilidades práticas, sociais e conceituais." (COSTA, 2005, p.12)

Já o conhecia porque este cursara a Pré-Escola na nossa escola. E, já estava a par da sua situação/ desempenho escolar que, aparentemente, não apresentava avanços significativos.

Somente uma professora tentou informar - me, timidamente, sobre os progressos que o Antonio havia tido durante o ano letivo anterior.

Sabia que, naquelas circunstâncias, a "escola deveria encará-lo como um desafio a mais à sua incontestável tarefa de sistematizar o saber..." a fim de "ultrapassar a deficiência, a limitação e a desvantagem para encontrar apenas uma PESSOA permitindo-lhe uma vida digna e respeitando a sua irrestrita capacidade educativa..." (MANTOAN, 1997).

No entanto, naquele momento sentia que não estava preparada para lidar com esta nova situação. Era meramente uma professora iniciante, tentando encontrar-me em meio aos desafios impostos pela profissão.

O Antonio realmente era um grande desafio que, de certa forma, impunha - me medo. Sentia medo do que poderia acontecer no decorrer daquele ano letivo. Medo de não conseguir desenvolver um trabalho satisfatório com ele, de colocá-lo no caminho do fracasso mais rapidamente, de rebaixar sua auto-estima, de não proporcionar-lhe a oportunidade de conquistar avanços significativos na aprendizagem escolar.

Minha inexperiência poderia impedir o sucesso daquele garotinho, aparentemente tão feliz por estar ali, naquele espaço tão seu, junto com seus coleguinhas.

[Br17] Comentário: "A pessoa com deficiência e/ou com problemas para aprender possui uma dificuldade real para realizar trocas apropriadas com o meio em que se insere e precisa desse meio para superar ou desenvolver formas alternativas ou compensatórias que lhe permitam conhecer o mundo e a si mesmos, de acordo com seus recursos e possibilidades. Se o meio possibilita essa interação, o aluno tende a progredir. Cabe observar que as trocas interpessoais que favorecem o desenvolvimento e a aprendizagem são aquelas que colocam em xeque as concepções do sujeito, exigindo elaborações mais complexas ou a revisão das próprias idéias. Em outras palavras, são trocas que provocam os chamados conflitos cognitivos." (MANTOAN, 2001, p.22)

[Br18] Comentário: "(...) A interação com os pares é fundamental para o desenvolvimento integral de uma pessoa, isto é, a educação deve contemplar os aspectos cognitivos, afetivo e social do desenvolvimento humano." (MANTOAN, 2001, p.23).

[Br19] Comentário: "Os professores do ensino regular consideram-se incompetentes para lidar com as diferenças em sala de aula, especialmente para atender os alunos com deficiência, pois seus colegas especializados sempre se distinguiram por realizar apenas esse atendimento e exageram essa capacidade de fazê-lo aos olhos de todos." (MANTOAN, 2006, p.17).

[Br20] Comentário: "... O medo experimentado como um sentimento, como uma reação individual nasce das experiências vividas pelos indivíduos, mas significadas socialmente" (SOUZA, 2005, p.20).

Naquele momento, sabia que a escola, dotada de boas intenções, querendo ou não, priorizava e valorizava a aquisição de conhecimentos e impunha de certa forma, um único ritmo de aprendizagem a todos os alunos.

Na verdade, a valorização da aquisição conhecimentos pela escola é um posicionamento historicamente construído e entendida como uma forma de preparar a criança para o amanhã, para o mercado de trabalho.

Esse posicionamento acaba colocando a vida da criança em jogo: quem aprende obtém sucesso; quem não acompanha as exigências da escola fica à margem do conhecimento por ela valorizado e, de certa forma, seu insucesso é firmado nesse contexto.

No caso de Antonio, estava matriculado numa classe de alfabetização e, portanto, minha "obrigação" era alfabetizá-lo. Era isto que se esperava do meu trabalho, no final daquele ano letivo em relação a todos os alunos da minha sala de aula.

Sabia que naquelas circunstâncias, Antonio aparentemente não correspondia às expectativas da escola. Seu ritmo de aprendizagem era mais lento, portanto, eu achava que um ano não seria suficiente para a efetivação de uma aprendizagem mais concreta da leitura e escrita.

Infelizmente, o destino escolar reservado para aquele garotinho não era tão atrativo. Sim, ou ele se enquadrava nos moldes estabelecidos pela escola ou trilharia, obrigatoriamente, o caminho doloroso do fracasso e do insucesso.

[Br21] Comentário: "O tempo da escola e o tempo da sociedade são conceitualmente distintos. O grande desafio da educação é pôr em prática hoje o que vai servir para o amanhã. A dificuldade da escola é a lentidão em se transformar, em se adaptar à sociedade moderna e assim fazer ante os desafios do futuro. A escola funciona na sociedade hoje com efeitos na sociedade do futuro. O tempo da escola e o tempo da sociedade são distintos". (AMBROSIO, 1998, p.239).

[Br22] Comentário: "...convencionou-se que uma certa quantidade de conhecimento devia ser dominada pelos alunos dentro de um determinado tempo... Quem domina avança e quem não aprende repete o ano (ou sai da escola)". (FREITAS, 2003, p. 27)

[Br23] Comentário: "Não corresponder às expectativas da escola é um dos sintomas do déficit circunstancial. Por essa razão, ao invés de simplesmente acusá-lo e via de regra perpetuá-lo, a escola deveria encará-lo como um desafio a mais à sua incontestável tarefa de sistematizar o saber com vistas a que o aluno se adapte ao meio em que vive e transforme-o para melhor!" (MANTOAN, 1997, p.29).

[Br24] Comentário: "...quando uma criança fracassa na escola é nela, criança, que residem os entraves do êxito escolar. Nesse sentido, a sociedade, entendida como um conjunto de instituições, e os membros ditos "normais" que a compõem, são sempre considerados como sendo, a priori, ajustados, adaptados, eficientes e o deficiente é o elemento que nela destoa, não correspondendo às suas normas e que, em função dessa dissonância, precisa ser cuidado, reeducado, readaptado, reabilitado para se inserir no contexto em que vive." (MANTOAN, 1997, p.18).

1.4. TERCEIRO DIA: A MÁRCIA.

Passos decisivos... Estávamos caminhando em direção à nossa sala, a última do bloco das 1^{as} séries. Caminho permeado de muitos pensamentos, de desejos e surpresas.

Surpresas? Claro que sim. Aquela série escondia muitas surpresas que eu ainda desconhecia. E, pelo simples fato de desconhecê-las, sentia medo dos transtornos que estas poderiam causar ao meu trabalho.

Conversas paralelas... Risadas... Parecia que para as crianças nada tinha mudado. O mundo para elas parecia continuar “cor-de-rosa”. Queria encontrar-me naqueles sorrisos tão inocentes e espontâneos.

Desejei, naquele momento, enxergar a realidade de minha sala de outra forma. No compasso da visão das crianças, carregado da mesma espontaneidade com que sorriam. Infelizmente, nada consegui. Não naquele instante.

O meu “mundo” era muito real. Cheio de responsabilidades, obrigações, regras, tabus e valores que tinham que ser respeitados e considerados a qualquer custo. E eu sentia que, naquele ano, ainda não estava preparada para lidar com situações como a de ensinar Antonio.

Estava preocupada. Não tanto com o processo de alfabetização como antes, mas com os novos rumos que a minha sala de aula estava tomando. Era um iniciar desafiador.

O que fazer? Como? Por onde começar?

[Br25] Comentário: “ (...) a educação inclusiva é possível. Não existem manuais para ensinar como fazê-la e é preciso vivenciar cada momento de sua construção criando situações nas quais todos possam ter um ensino de qualidade.”
MARCOLINO, 2001, p.14)

Dúvidas diversas. Perguntas sem respostas momentâneas. Sentia-me sozinha em meio aos desafios impostos. Estava desamparada na escola.

Mas ainda tinha o amparo da direção, da coordenação e dos demais professores da escola. Mesmo assim, sentia-me só, pois os desafios da profissão exigiam de mim preparo e conhecimento.

Minha preocupação aumentou muito mais quando cheguei com as crianças no bloco de salas das 1^{as} séries e lá estava uma mãe com a sua filha (que também não havia freqüentado as aulas iniciais) à minha espera.

Tratava-se de uma menina de 10 anos de idade, com deficiência física. Uma criança muito bonita por sinal, que nascera perfeita, mas devido a uma cirurgia pós-nascimento, para remover um "nódulo" em sua coluna, ficara naquela situação, condenada a passar todos os seus dias em cima de uma cadeira de rodas.

Fui me aproximando da sala vagarosamente. A mãe fez menção de vir ao meu encontro. Parecia querer falar-me algo. Talvez fornecer-me informações sobre o estado aparente de sua filha, falar sobre o percurso de sua vida ou ainda o que esperava da escola naquele ano letivo.

No entanto, nada falou. Apenas seguiu-me com o olhar. Parecia estar carregado de sofrimento, expectativas, insegurança e curiosidades diversas. Por um momento, parou de caminhar. Esperava-me com uma ansiedade sem igual.

[Br26] Comentário: (...) nas décadas de 60 – 80, surgem programas e serviços de reabilitação e de educação especial. As famílias passaram a acreditar que seus filhos com deficiência deveriam enfrentar os desafios da vida e integrar-se à sociedade.” (MARCOLINO, 2001, p.17).

[Br27] Comentário: “ Alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física, abrangendo, dentre outras condições, amputação ou ausência do membro, paralisia cerebral, membros com deformidade congênita ou adquirida, exceto as deformidades estéticas e as que não produzam dificuldades para o desempenho das funções.” (COSTA, 2005, p.12).

Silenciosamente, a mãe esperou todos os alunos entrarem na sala de aula. Cabisbaixa, sorriu timidamente. Embora nada dissesse, entendi que aquela simples atitude dizia muito mais que as próprias palavras que esperava ouvir.

Fitou-me longamente e seu aparente desejo de comunicar-se resumiu-se nas simples palavras de petição: “Se a minha filha passar mal é só me chamar que eu venho buscar ela”.

Acenei positivamente com a cabeça. Queria conhecê-la, mas naquele contexto percebi que ainda era cedo demais para estabelecer vínculos mais profundos. Queria entender qual o sentido dessa colocação tão imediata.

Passar mal? Uma garota aparentemente saudável no ápice de sua infância... Mas era natural aquela preocupação, já que ela era a mãe e sabia o que estava dizendo. Convivia com a Mariane, portanto, sabia de suas dificuldades, seus anseios e medos.

Sim, tive medo. Esse sentimento parecia também estar presente tanto nas expressões da mãe quanto nas da filha. Medo do que teriam que enfrentar na escola: as dificuldades de locomoção, o descaso/ desprezo (talvez) dos alunos, da professora e de outras situações conflitantes.

A mãe ajeitou Márcia na carteira com certa dificuldade, devido ao espaço inadequado. A aluna dispensou o uso da cadeira comum da escola. Após a acomodação, a mãe retirou-se da sala silenciosamente e se foi.

[Br28] Comentário: “...o medo se dá através de sinais indiretos. Ou seja, revela-se em atitudes que parecem não considerar, não levar em conta os riscos presentes(...). No entanto, a vivência do medo existe efetivamente, mas só raramente aparece à superfície, pois se encontra contida, no mínimo, pelos mecanismos de defesa, aos quais são absolutamente necessário(...)” (SOUZA, 2005, p.26).

Senti, naquele instante, desejo de poder participar de seus pensamentos e saber qual o seu posicionamento em relação à escola em que Márcia iria estudar. Saber um pouco mais da história daquela garotinha.

Mais uma vez senti-me só. A mãe havia se ausentado. Na sala, agora, estavam os alunos, os desafios e eu com os meus medos, receios e preocupações.

Toda aquela euforia do reencontro dos coleguinhas foi abafada pelo silêncio total. Cada criança procurou sentar-se logo e, observar a cena. Até hoje não sei o que se passava naquelas cabecinhas, mas pude perceber que a chegada das duas crianças (principalmente a de Márcia) mudara o cenário da sala. Naquele momento eu não tinha condições de dizer se esta mudança era positiva ou negativa.

Na verdade, percebi que a entrada de Márcia na sala "emudeceu" as crianças. Ela vinha de uma outra escola, não tinha amigos nenhum ali e desconhecida da turma. Todos os olhares estavam direcionados à ela.

Curiosidade? Talvez. Era provável que estivessem tentando entender o motivo da presença de Márcia ali, por que andava naquela cadeira tão diferente... E, várias outras hipóteses que não pude detectar naquele momento inicial.

A chegada de Márcia emudeceu a mim também. Não sabia como lidar com a garotinha. Como tirá-la dali? Manobrar a cadeira para frente ou para trás? Como tirá-la da sala já que tinha ali um degrauzinho bem na porta? No horário do recreio o que iria fazer? E na saída, o que iria acontecer?

[Br29] Comentário: "(...) Quando uma criança deficiente entra na escola, ela é mais um motivo de estímulo para que essa classe aprimore seu trabalho com todas as crianças." (MARCOLINO opicít MANTOAN, 1999, p. 35).

Elas queriam sair e eu sentia vontade de ficar ali. Era mais cômodo para alguém que não sabia como e o que fazer. Tive a súbita sensação de que não arriscar uma solução, naquelas circunstâncias, era a melhor alternativa.

No entanto, estava ciente de que, ao escolher aquela sala, na atribuição, havia assumido um compromisso legítimo com os alunos, mesmo sem conhecê-los e, esse compromisso se resumia em propiciar condições para que construíssem seu próprio conhecimento, para que se desenvolvessem na escola.

Mediante este compromisso não podia, então, simplesmente recuar. Tinha que tentar encontrar uma solução imediata. As crianças, embora pequenas, estavam ali presentes esperando e cobrando, de certa forma, uma atitude, válida de minha parte e não de recuo.

Pareciam confiar em mim e, então, esperavam. Queriam sair para aproveitar aquele momento de descontração e brincadeira.

Então, minha primeira idéia momentânea e nada plausível foi a de deixar a Marcia na sala de aula. Seria mais fácil de organizar as demais crianças. Iria deixá-la apenas por poucos minutos. Retornaria em seguida para fazer-lhe companhia. Conversei com ela, explicando a minha decisão. Concordou acenando positivamente com a cabeça.

Decididamente, tirei as crianças para fora da sala. Formamos a fila. Como era de se esperar os alunos perguntaram num coro único: "E a Márcia?".

Isso mesmo. Boa pergunta. E a Márcia? O que iria fazer com ela?

[Br32] Comentário: "(...) cada criança, na sua diversidade, é, uma para a outra, fonte de provocação e desequilíbrio, uma busca constante para o equilíbrio. É preciso dar aos alunos oportunidades para que eles seja o que " realmente são", e não que sejam tratados como problema pelas suas especificidades." (MARCOLINO, 2001, p. 23).

Pelo jeito deixá-la na sala não tinha sido uma boa solução. Parecia mais um refúgio para esconder o desafio a mim imposto, uma fuga do compromisso assumido com a sala e a negação do meu papel de professora.

Retornei novamente para dentro da sala de aula. Retirei a carteira de Márcia para que esta pudesse se movimentar e, então, ir para fora também, mas, Márcia não se moveu. Resolvi então, chamá-la para sair. Timidamente ela me disse que não conseguia se locomover sozinha.

Vagarosamente, abaixou sua cabeça e mergulhou em seus pensamentos. Seus olhos brilhavam. Parecia querer chorar e, talvez, chamar em segredo a sua mãe. Estava se sentindo desprotegida e desamparada.

Somente mais tarde é que pude entender tanta dependência de Márcia para se locomover. Tratava-se de um caso bem mais delicado do que eu imaginara: seus pais faziam tudo por ela.

Por se tratar de uma pessoa com deficiência física, subestimavam as capacidades da própria filha, sobrecarregando-se de tarefas múltiplas para favorecer e proporcionar o bem estar da filha.

Talvez acreditassem que procedendo assim, estariam beneficiando o desenvolvimento da criança e expressando o seu amor inefável pela filha. Sentiam-se culpados quando não conseguiam satisfazer os desejos da pequenina.

Outra grande dificuldade que a Márcia enfrentava era a inadequação da cadeira de rodas para o seu porte físico. Ela fazia uso de uma cadeira de adulto, já

era bem velha. Seus pés ficavam pendurados, porque não conseguia alcançar o apoio da cadeira de rodas.

Diante de todas as dificuldades que permeavam a vida daquela garotinha, insisti para que, ao menos, tentasse sair do lugar. Inútil. Realmente ela não conseguia manobrar a cadeira sem auxílio.

Naquele dia, auxiliá-la na saída para o recreio foi a solução. Como não tinha experiência no caso foram várias tentativas: manobras para virar a cadeira para frente, para trás... Já estava vendo o momento de ter que tirá-la da cadeira para sair. O medo de derrubá-la era muito grande.

A escola não era adaptada para receber alunos com deficiência física. Na porta da sala de aula tinha um degrau. Eu não era boa manobrista. As crianças, do lado de fora, percebendo a minha dificuldade, começaram a me ajudar. Algumas gritaram: " _ A pro, vai derrubar a M.!" e outras até seguraram a parte da frente da cadeira de rodas com medo de a menina cair. Perdemos alguns minutos de recreio devido ao problema.

Mas isto só era o início. No pátio, onde era servida a merenda, tinha oito mesas grandes para as crianças se sentarem e comer: uma mesa para cada série. Acomodei todos os alunos ali, menos Márcia. A cadeira de rodas não permitia acomodá-la adequadamente.

Infelizmente, naquele dia, ela teve que ficar de frente para a mesa, "desligada" da turma. Naquela posição não dispunha de opções: ou comia com o

prato na mão ou curvava-se para frente para alcançar a mesa. Na verdade, esta cena repetiu-se por vários dias seguidos.

Após a merenda, recolhi o seu prato e a acomodei num cantinho do pátio para que aguardasse o momento de retornar para a sala.

Como havia ficado sozinha, resolvi fazer-lhe companhia. Queria conhecê-la melhor. Saber o que estava achando de seu primeiro dia de aula naquela instituição, mas, nada dizia. Parecia estar com medo, com vergonha...

Apenas observava atentamente as demais crianças brincando, correndo e pulando pelo pátio a fora. Talvez desejasse poder fazer o mesmo, com certeza.

Pelo simples fato de ser privada de correr e de pular nenhuma criança manifestou o desejo de fazer-lhe companhia.

Quanto ao Antonio, não teve problemas de encontrar amiguinhos, pois, tinha estudado na escola no ano anterior. Brincou bastante durante todo o recreio com as demais crianças.

Minutos mais tarde, bateu o sinal. Era hora de voltar para a sala. As crianças agitadas e dispersas corriam para todos os lados. Eu não sabia se conduzia Márcia até a sala ou se organizava as crianças para formarem a fila.

Retornei à sala com uma parte das de crianças. A outra parte ficou correndo pelo pátio. Novamente, o degrauzinho da porta.

Com muita dificuldade, Márcia entrou na sala. Depois entraram os outros colegas e saí à procura dos que ainda estavam brincando no pátio. Esse vai e vem repetiu-se inúmeras vezes durante o primeiro semestre.

1.6. ESPERANÇA INICIAL

Ao terminar a aula, procurei a coordenadora da escola, para confirmar as matrículas da Márcia e do Antonio.

Esperava escutar algo que me acalentasse. Queria ouvir uma resposta que atendesse aos meus anseios pelo fato de não saber como lidar com esses alunos.

Acreditava que, se tirassem Márcia ou Antonio da minha sala, eu conseguiria desenvolver um trabalho satisfatório com as demais crianças durante aquele ano letivo.

Era um desafio. Sentia que ainda não estava preparada para enfrentá-lo devido à quantidade de alunos na sala, a minha inexperiência já que não tinha uma formação específica para atender alunos com deficiência.

No entanto, a conversa com a coordenadora não seguiu os rumos que eu esperava. Pelo contrário, meus argumentos levantados na discussão foram desconsiderados. A coordenadora tentou acalmar-me com as simples palavras: "... eles estão matriculados e, portanto, irão ficar na sua sala durante todo o ano letivo".

[Br33] Comentário: " A defesa da cidadania e do direito à educação das pessoas portadoras de deficiência é atitude muito recente em nossa sociedade. Manifestando-se através de medidas isoladas, de indivíduos ou grupos, a conquista e o reconhecimento de alguns direitos dos portadores de deficiências podem ser identificados como elementos integrantes de políticas sociais, a partir de meados deste século." (COSTA opcit MAZZOTTA, 2001, p.15).

[Br34] Comentário: "... a admissão de alunos deficientes mentais em classes regulares envolve a capacitação do professor que se propõe a integrá-los(...) o professor especializado é o que, no momento, melhores condições dispõe para enfrentar a tarefa. Ocorre que a integração envolve aptidões, competências que igualizem as oportunidades educacionais entre normais e deficientes. E para que em uma classe escolar de integração não ocorra prejuízos para ambos, o professor do ensino regular, no geral, não está ainda preparado e nem poderia estar mesmo." (MANTOAN, 1997, p.31).

[Br35] Comentário: " (...) a educação de todos os alunos deve ocorrer nas classes regulares, lugar principal e exclusivo de escolarização. Com isso, a educação que se destina a inserir todos os alunos com deficiência na escola regular deve procurar ajudar não só aqueles que têm deficiências, mas apoiar todos aqueles que fazem parte da comunidade escolar." (MARCOLINO, 2001, p. 23).

Tinham direito de estar ali, naquela escola já que a “educação é direito de todos e dever do Estado e da família...” (Constituição Federal de 1988, art.205).

Cabia à escola, então, conceder a esses dois alunos (assim como aos demais também) “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola” (Lei nº9. 394, de 20 de dezembro de 1996)”.

Argumentei de várias formas que me sentia despreparada para trabalhar com uma turma tão diversa e distinta mas, singelamente, ela me disse que confiava em meu trabalho.

Com inúmeras indagações sobre a aprendizagem dos educandos (de forma geral) e ao desenvolvimento do meu trabalho na escola, pensei: O QUE FAZER? COMO? POR QUÊ? POR ONDE COMEÇAR?

Como zelar sobre uma situação, se julgava, naquele momento, não estar preparada para enfrentá-la? Alfabetizar? Trabalhar com alunos com deficiência em sala de aula? Enfrentar uma sala superlotada?

Como proporcionar igualdade de condições de aprendizagem a estes alunos? Será que a escola em que estavam inseridos era preparada para recebê-los?

A coordenadora apenas alertou-me sobre o fato de que Antonio passaria pela "escola" de Educação Especial do município, onde seria submetido a uma avaliação. O resultado desta é que iria definir o destino escolar do aluno. Quanto a Márcia, iria ficar na minha sala.

[Br36] Comentário: “ Para terem direito à escola, não são os alunos que devem mudar, mas a própria escola! O direito a educação é natural e indisponível.” (MANTOAN, 2006, p.9)

[Br37] Comentário: “A educação no ensino regular incide na inserção da pessoa com deficiência na escola. Essa ação pode incidir em práticas diferenciadas. Werneck (1997) explica que: “ a integração e a inclusão são dois sistemas organizacionais de ensino que têm origem no princípio de normalização” (p. 51) . Continua explicando que normalizar não é tornar o indivíduo normal, mas é atender às suas necessidades e reconhecer o seu direito de ser diferente.” (COSTA, 2006, p. 17).

[Br38] Comentário: “ (...) o que fica evidenciado é a necessidade de se redefinir e de se colocar em ação novas alternativas e práticas pedagógicas, que favoreçam a todos os alunos, o que, implica na atualização e desenvolvimento de conceitos e em aplicações educacionais compatíveis com esse grande desafio.” (COSTA, 2006, p. 19).

[Br39] Comentário: “ ... o termo deficiência significa restrição física, mental ou sensorial, de natureza permanente ou transitória, que limita a capacidade de exercer uma ou mais atividades essenciais da vida diária...” (COSTA, 2006, p. 13).

Mediante esta notícia, uma pontinha de esperança surgiu. Imaginei que tirando Antonio da minha sala eu teria parte da solução do meu problema.

1.7.CURIOSIDADES E CURIOSIDADES...

Cadernos, lápis diversos, cadeira de rodas... Tudo era novo para as crianças. Não continham sua curiosidade em relação aos alunos com deficiência. Queriam saber mais a respeito da vida desses coleguinhas. Várias perguntas surgiam no decorrer das aulas:

"--Pro, por que o Antonio não faz a lição?"

"--O Antonio está rabiscando o caderno. Por quê?"

"--Por que a Márcia não anda?"

"--Pode tirar a Márcia da cadeira?"

"--Quando a Márcia vai andar?"

E outras...

Algumas das indagações inicialmente ficaram sem respostas. Não conhecia a história dos dois alunos o suficiente para respondê-las. A necessidade de buscar essas informações foi aumentando dia- a -dia.

[Br40] Comentário: "(...) pensar numa educação significativa, de qualidade para todos requer entender a escola como um espaço de lutas, de conflitos, um espaço no qual há uma multiplicidade de culturas e mentalidades que reflete a heterogeneidade de pessoas e relações – o que não “admite” a homogeneização – que faz do cotidiano relações não inertes e onde há uma constante movimentação, um ir e vir que se reflete na sociedade e na educação.”
(MARCOLINO, 2001, p.20).

No entanto, isto não foi o suficiente porque à medida que eu, gradativamente, ia conhecendo a trajetória de vida desses dois alunos surgia um outro agravante:

Como explicar para as crianças que:

- Márcia não iria andar mais.
- Que o desenvolvimento intelectual de Antonio era mais lento.

Eram assuntos aparentemente simples, mas delicados demais para dar qualquer tipo de resposta. Uma pergunta mal respondida poderia gerar constrangimentos diversos em ambas as crianças.

Numa ocasião, saindo para o recreio um aluno disse-me :

"--Professora, eu queria ser igual a Márcia."

Aquele desejo incomodou-me muito. Como? Um menino perfeito. Qual o sentido daquele desabafo? E o garotinho continuou:

"-- Márcia é folgada. Só anda sentada e vive reclamando que está cansada. Eu é que devia reclamar. Só ando. Fico cansado. Queria andar sentado também."

No momento, fiquei sem ter o que falar, mas nem precisou muito. A própria Márcia de imediato respondeu ao aluno:

"--E eu queria ficar cansada igual a você."

[Br41] Comentário: "Para reconhecer e desenvolver a prática escolar com base nos princípios da inclusão, é necessário que as diferenças individuais dos alunos não sejam justificadas para segregar ainda mais as crianças, mantendo um sistema duplo para o atendimento de todos."
"Final, os alunos possuem identidades próprias, valores, crenças, além de diferentes possibilidades, alcances que os acompanham desde pequenos e que são desenvolvidos no convívio familiar, no convívio social além do convívio escolar."
(MARCOLINO, 2001, p.20).

Percebi que as crianças necessitavam de respostas claras. De conversar mais abertamente sobre o assunto. Estavam vivenciando uma realidade de vida tão incomum, faziam questionamentos e queriam esclarecimentos.

A curiosidade aumentava dia-a-dia. E, eu, como professora, sentia necessidade de buscar informações para satisfazer, na medida do possível, as questões da turma.

Naquele momento, estava ciente de que não iria conseguir respostas imediatas para tudo e, muito menos sozinha porque "o professor não é um sol que ilumina tudo. Sobre muitas coisas ele sabe bem menos que seus alunos..." (Ambrosio, 1998, p.241). Mas era válido tentar.

1.8. OS DEMAIS RECREIOS

As crianças estavam um pouco afastadas de Márcia. Algo parecia separá-las. Mas o quê? Possivelmente, por causa da cadeira de rodas? Claro que sim.

Márcia, querendo ou não, chamava a atenção dos demais alunos da sala, despertando neles curiosidade. Eles queriam ter as mais variadas informações sobre a vida da coleguinha.

Márcia era uma criança reservada e tímida. Como não podia correr e pular, sempre ficava sozinha no recreio. Durante estes curtos períodos, passei a fazer-lhe companhia durante dias seguidos.

[Br42] Comentário: "Como afirma Mader (1997), 'Como adultos – com a vivência repetida dessa mesma experiência – acabamos por ter medo da diferença. Frequentemente sentimo-nos ameaçados. Tememos o contato com o diferente, evitamos, criamos preconceito, estigmatizamos'" (MANTOAN, 2001, p.17).

Precisava conhecê-la melhor. No início foi difícil fazê-la conversar. Era muito tímida. Mas, com o passar dos dias, começou a relatar fatos de sua vida escolar, de sua família, dos passeios que fazia junto com seus pais...

Relatava suas impressões sobre cada momento vivido. Suas frustrações e dificuldades de locomoção. Descobri muito sobre a sua vida nesses poucos minutos de intervalo. Durante esses poucos dias em que fiquei no recreio, pude perceber que algumas crianças (não só da minha sala como de outras salas e séries também), começaram a nos fazer companhia. Queriam ouvir o que a Márcia tinha para falar. Queriam participar da conversa, relatar também suas inúmeras impressões e experiências vividas tanto no interior da escola quanto fora dela.

Minha presença ali parecia chamar-lhes a atenção. Conversavam sobre tudo: da vida, da família, das inúmeras travessuras feitas, piadinhas também não faltavam naqueles momentos. Márcia sorria bastante ao ouvir as histórias. Parecia sentir-se bem ali.

A cada recreio, o número de alunos aumentava. Todos queriam falar ao mesmo tempo. Aquele momento para Márcia era importante. Estar junto com aquelas crianças proporcionava-lhe muita satisfação.

Com a aproximação dessas crianças, Márcia começou, timidamente, a familiarizar-se com a situação e tornou-se amiga inseparável da turma.

Comecei a perceber que algo estava mudando, tanto na relação da menina com os demais alunos da escola quanto no meu próprio papel de professora. Estava aprendendo a cada dia com aquela garotinha tão pequenina e cheia de vida.

[Br43] Comentário: "As salas inclusivas partem de uma filosofia segundo a qual todas as crianças podem aprender e fazer parte da vida escolar e comunitária. A diversidade é valorizada; acredita-se que tal diversidade fortaleça uma turma e ofereça a todos os seus membros maiores oportunidades para a aprendizagem." (STAINBACK, 1999, p.11).

Gradativamente, comecei a perceber que Antonio e Márcia pertenciam à minha sala e que, como professora, precisava fazer algo para que as crianças percebessem isto também e os recebessem como parte do grupo, como amigos.

Mas como? Precisava encontrar meios de fazer com que as crianças percebessem isso. E, o primeiro passo foi arrumar uma maneira mais confortável para que Márcia participasse da merenda mais tranqüilamente.

Num determinado dia, saindo com as crianças para o recreio, paramos em frente à mesa de refeições. Ponderei com as crianças que Márcia não podia ficar mais naquela posição. Precisávamos encontrar uma forma de acomodá-la à mesa.

Então, as crianças deram várias sugestões: tirar Márcia da cadeira de rodas e colocá-la no banco foi uma delas. O problema é que eu não podia tirá-la dali porque tinha medo de derrubá-la.

Deram outra sugestão: empurrar o banco de forma que ficasse um pequeno espaço suficiente para encaixar a cadeira de rodas na mesa. Problema resolvido: Márcia, a partir daquele dia participaria do momento da alimentação junto com os seus colegas, na mesa de refeições!

Após este episódio, um pequeno grupo de alunos da minha sala referiu, espontaneamente, que não era preciso eu ficar com Márcia durante os recreios. Eles iriam cuidar dela para mim. Sem questioná-los, retirei-me do pátio, mas, não me ausentei totalmente, fiquei de longe, observando o movimento.

Como Márcia era muito pesada, duas crianças a empurravam e as demais iam segurando no "braço" da cadeira de rodas. Atravessaram o pátio de um lado para outro, conversando bastante e, às vezes, eu via Márcia sorrindo, conversando.

Esta cena repetia-se várias vezes durante todo o dia letivo. Eu não precisava mais ficar com Márcia durante o recreio. Os alunos (da minha sala e de outras salas também) passaram a querer ficar com ela.

Na sala de aula, essas mudanças também se tornaram visíveis. Antonio e Márcia passaram a ser auxiliados não só por mim, mas, pelas crianças também.

1.9.PROFESSORES E PAIS: OTIMISMO E INSEGURANÇA.

Escola praticamente vazia. Alguém, ainda, estava trabalhando na sala dos professores.

Era o professor de Educação Física, que sozinho tentava arrumar seu horário de trabalho. Estava organizando as autorizações dos alunos.

Tratava-se de um documento assinado pelos pais, autorizando ou não a participação de seus filhos em todas as suas aulas de Educação Física daquele ano letivo.

Faltava eu entregar as autorizações da minha turma. Seria uma satisfação para mim, se todas as crianças da minha sala pudessem participar. Todavia, como

as exceções existem por toda a parte, na minha sala não foi diferente: elas apareceram por lá também.

A exceção era Márcia. O que a impedia de participar das aulas de Educação Física eram: a cadeira de rodas e os pais. Uma questão delicada demais...

Pelo simples fato de Márcia ter uma deficiência física, seus pais procuravam fazer tudo por ela. Não davam a oportunidade de ela tentar, arriscar, errar e acertar... Eles eram as pernas inativas da M..

Acreditavam que por ela ter uma deficiência não seria “capaz” de fazer atividades que pessoas comuns conseguem fazer. Subestimavam sua capacidade, mas, inconscientemente.

Cautelosamente, entreguei ao professor de Educação Física as autorizações da minha sala. “Está tudo certinho então?”. Foi a pergunta que ouvi em seguida.

Claro que não estava nada certo. Eu sabia que não. Márcia não estava autorizada a participar de nada. Era uma das oportunidades que teria para se desenvolver fisicamente.

Como Márcia se sentiria ao saber que não poderia participar dessas aulas? O que eu iria dizer para ela quando as demais crianças se ausentassem da sala para irem para a quadra? O que iria explicar para os colegas quando percebessem a ausência de Márcia na Educação Física?

Claro que as crianças perceberiam tudo. Eram espertas demais. Iriam questionar-me com certeza e, com perguntas de “tirar o fôlego”. E, o que eu

[Br44] Comentário: “NA sociedade e na família, a partir dos anos 80, muda-se a idéia de como as pessoas com deficiências devem conviver com as demais. O ideal da integração deu lugar à inclusão, ou seja, acredita-se, hoje, que a sociedade e a família devam adaptar-se às necessidades de todas as pessoas, com ou sem deficiência, e não ao contrário.” (MARCOLINO, 2001, p. 17).

[Br45] Comentário: “Nós, pais, que lutamos para proteger nosso filhos dos outros através do silêncio precisamos interromper o ciclo de ignorância da sociedade, assumindo um risco e compartilhando nossos filhos com os demais

responderia para elas? Diria simplesmente que Márcia tinha uma deficiência e, portanto, não poderia participar das aulas? Essa resposta satisfaria as crianças?

Não. Essa resposta por mais simples que fosse não poderia ser dada nunca. Alegar a deficiência de Márcia como motivo único para a não participação dela em atividades físicas poderia gerar certo distanciamento entre a menina e os demais alunos.

Responder assim era marcar Márcia como “a diferente” da turma. Na verdade, todos os alunos ali eram diferentes: uns eram mais pobres, outros provenientes de famílias mais estabilizadas; uns negros, outros brancos/ pardos; uns com uma facilidade tremenda em aprender, outros com inúmeras dificuldades tentavam compreender o conteúdo que lhes era transmitido....

Contudo, eram diferenças, aparentemente, tão naturalizadas e, talvez, “comuns” no contexto escolar que não as faziam ser notáveis quanto o caso de Márcia que por se locomover em uma cadeira de rodas despertava, nas pessoas que a observavam, o sentimento de curiosidade, pena, dó.

Dizer que Márcia era diferente não era uma marcação simples, mas taxativa e com riscos de afastamento por parte das demais crianças. Não queria dispersar e/ou dividir a turma, mas uni-la, sobretudo.

Além do que, alegar que a deficiência de Márcia era um empecilho para a sua não participação nas aulas de Educação Física era inadmissível já que este seria um momento oportuno para Márcia se aproximasse mais daquele grupo, sentindo-se

mais a vontade no ambiente escolar e para desenvolver habilidades até então adormecidas.

Sutilmente, expliquei para o professor que somente uma aluna não iria participar das aulas.

“Como assim: não vai participar?” Estava inconformado ao ouvir minha afirmação. Queria saber o motivo.

Na verdade, o motivo não tinha uma fundamentação real e era proveniente de falta de informação dos pais de Márcia que queriam protegê-la a todo o custo. Protegê-la do mundo, das decepções, das humilhações que supostamente poderia sofrer.

O senso comum permeava a decisão do casal que desconhecia o favorecimento / o benefício que a participação de Márcia e seu suposto envolvimento com as atividades físicas, trariam para o seu desenvolvimento global.

Rapidamente, ao ver a autorização de Márcia assinada e justificada pelos pais, o professor não se conformou. Disse-me apenas: “Márcia vai participar sim, agora sou eu quem quero que ela participe das aulas de Educação Física”.

A alternativa mais imediata colocada pelo professor para justificar sua inconformação e decisão em relação à Márcia foi a de conversar com os seus pais. Eles precisavam estar a par do benefício que a participação da filha nas atividades físicas lhe traria.

O senso comum precisava ser desconstruído naquele momento. Tarefa fácil? De forma alguma. Os pais de Márcia apresentaram uma resistência considerável em todos os momentos, mas finalmente, decidiram arriscar. Permitiram a participação desta em todas as aulas de Educação Física daquele ano letivo.

2. A PRIMEIRA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA: EUFORIA E MEDO.

Chegou a notícia tão esperada pelos alunos. Era o dia da aula de Educação Física. Euforia. Sorrisos, falatório...

Todos iriam ficar vários minutos fora da sala de aula sob supervisão de um professor (desconhecidos por eles até então). Iriam brincar, correr, jogar bola. Pular com certeza.

Tênis, chinelos surrados, sandálias singelamente coloridas nos pezinhos empoeirados e cheios de energia para percorrerem os caminhos da vida. Mentas atentas às minúcias que a aula lhes impunha.

Eles não tinham ainda vivenciado a experiência de uma aula de Educação Física. Na Pré-Escola, quem ministrava essas aulas era a própria professora da sala, que propunha aos alunos, atividades motoras diversas/ brincadeiras.

Era a primeira vez que teriam a oportunidade de participar dessas aulas com um professor de Educação Física de verdade.

Em meio a tanta alegria, uma voz tímida e abafada pediu-me:

"-- Pro, eu não quero ir para a aula de Educação Física, quero ficar aqui com você."

Era Márcia. Estranho pedido. Aquela aula era tão esperada por todos os demais alunos. Todos queriam sair para fora, conhecer o novo professor, realizar as atividades que seriam propostas por ele... Mas, Márcia, não queria. Parecia estar com medo.

Medo do que iria acontecer naquela aula. Sabia que não poderia participar das atividades propostas assim como seus coleguinhas. Não poderia sentir o calor da quadra queimando a solinha de seu pé... Sabia que não poderia vivenciar a rica experiência de correr, pular, cansar-se, suar.

Medo de se defrontar com os desafios da vida escolar e com suas próprias limitações.

Eu também estava participando do mesmo sentimento... Estava com medo.

Medo do que aquela aula poderia despertar em Márcia. Poderia desenvolver nela o sentimento de incapacidade, de fracasso? Talvez.

Medo de como ela reagiria diante do riso de seus coleguinhas em alguma atividade mal realizada. Retrairia? Tentaria de novo? Abandonaria a atividade por completo? Desistiria das aulas definitivamente?

Medo do que poderia acontecer se atendesse ao seu pedido de não participar daquela aula. Numa atitude permissiva minha, aparentemente simples, poderia estar colaborando para a afirmação de sua incapacidade.

Medo da reação dos demais coleguinhas em saber que ela não iria participar daquela aula. Ela estava na escola. Por que não iria participar?

Os alunos aceitariam sem grandes comentários que ela não participasse e respeitariam a vontade da coleguinha ou incorporariam e proclamariam o fracasso da menina pela escola a fora?

Será que deixar Márcia na sala seria o ideal? Ou deveria forçá-la a participar da aula? O que fazer?

Tentei convencê-la através de uma simples conversa. Inútil. Estava decidida. Queria ficar na sala de aula. As carteiras logo, logo vazias, silêncio absoluto devido à ausência das crianças, quadro negro limpo, portas, janelas e janelas.

Era somente isso, que Márcia veria na sala, mas ela não queria arriscar. Não queria conhecer e explorar a quadra, tão diferente da sala de aula e tão convidativa. Não queria participar de nada.

Respeitei a sua decisão. Só naquele dia. Precisava descobrir o motivo daquela decisão, o que tinha para me falar naquele dia, o que esperava da escola e como estava se sentindo naquela nova situação.

Ela ficou na sala comigo. Depois, passeamos pela escola juntas. Conversamos sobre vários assuntos: suas descobertas, suas experiências anteriores na escola (uma vez que não era a primeira vez que estava cursando a 1ª série).

E, eu a ouvia. Queria descobrir mais sobre aquela menina tão pequenina. Falamos da vida. Falamos de nós... Ela queria contar-me suas inúmeras travessuras e, eu queria, através de sua fala, encontrar uma "luz no final do túnel".

[Br46] Comentário: "...temos muita vontade de entender e encontrar/inventar uma maneira de penetrar o desconhecido de nós mesmos em busca de respostas. Mesmo que sejam sempre parciais, elas nos dão força para continuar a buscar novas soluções e melhores condições de ensinar." (MANTOAN, 2006, p. 8).

2.1. A MÃE DE ANTONIO.

Aulas... Aulas... Aulas. Os dias letivos estavam passando rapidamente. A cada dia uma nova surpresa, um novo aprendizado.

As crianças estavam conseguindo apreender o conhecimento transmitido de forma satisfatória. Tudo parecia estar bem.

Contudo, como não podia ser diferente, a mãe de Antonio compareceu à escola. Queria conversar sobre o desempenho do garoto. Estava extremamente incomodada mediante as observações feitas em sua casa.

Dizia estar acompanhando o desenvolvimento do filho, mas não estava feliz e muito menos satisfeita com o trabalho pedagógico desenvolvido em sala de aula.

Alegava que já se passara metade do primeiro semestre e que seu filho ainda não aprendera a ler, nem sequer reconhecia as letras do alfabeto e/ou grafava o nome.

[Br47] Comentário: "(...) Os pais das crianças deficientes sentem-se inseguros ao matricular seus filhos na rede de ensino regular por receio de discriminação e de que o ensino não seja de qualidade, alegando que o ensino para as crianças consideradas normais já é deficitário, como será, então, para seus filhos com deficiência? Além disso, os pais estão acostumados com o ensino "especializado" oferecido pelas classes e escolas "especiais". Professores e pais, no entanto, não se questionam sobre o que há de especial nas classes e escolas ditas especiais." (MANTOAN, 2001, p.18).

Estava ali e queria ouvir meu parecer. Dizia repetidamente que Antonio havia freqüentado a Educação Infantil e estava na 1ª série e, portanto, não conseguia entender a razão de tanto atraso de aprendizado.

“_Será que é a professora? Ou o ensino da escola que é fraco demais?”

“_ Tem muitas crianças nessa sala na mesma situação do Antonio? Ou só ele é que é o problema?”

Enquanto a mãe desabafava, procurava meios de iniciar minha explicação. Como explicar para aquela mãe que:

- O desenvolvimento de Antonio era mais lento.
- Que um ano letivo não seria suficiente para visualizar uma aprendizagem tal qual ela queria.
- Que demandaria tempo para que conseguisse grafar o próprio nome já que tinha certa dificuldade em manusear o lápis.
- Que ele não seria alfabetizado naquele ano, provavelmente.

Como explicar tudo isso para a mãe? Ela sabia do problema de seu filho, no entanto parecia ignorar o fato de que ele era um aluno com deficiência mental.

Eu sabia que, em hipótese alguma, deveria tomar como justificativa a deficiência de Antonio. Isso serviria para confirmar à mãe o fracasso do filho.

Iniciei minha explicação partindo do ponto de que Antonio era uma criança muito esperta e que havia se desenvolvido bem, mas que era necessário respeitar o

seu ritmo de aprendizagem e era isto que a escola estava objetivando naquele momento.

Não poderia garantir à mãe, naquele momento, a efetivação da alfabetização de Antonio como ela almejava ouvir e muito menos afirmar que sua deficiência era uma das causas de sua suposta “dificuldade de aprendizagem”.

Precisava fazer com que ela compreendesse que Antonio era uma criança dotada de capacidades diversas, que ainda estavam amadurecendo, mas que não estava preparado para vivenciar um processo de alfabetização tal qual ela queria.

Ele era capaz sim. No entanto, naquele momento, suas necessidades eram outras. Carecia de socializar suas experiências, explorar e conhecer o mundo à sua volta.

Exigir dele grandes resultados no processo de alfabetização, naquele ano, seria inviável. Poderia colocá-lo mais rapidamente no caminho do fracasso.

A mãe manteve-se inconformada com a situação do filho durante toda a conversa. Saiu da escola preocupada com os rumos da vida escolar de Antonio mas, naquele contexto, eu não podia tocar mais fundo nas causas da situação escolar deste aluno.

A mãe queria uma explicação mais direta do caso. Queria ouvir que seu filho seria alfabetizado naquele ano. Entretanto, como professora, não poderia garantir, naquelas circunstâncias, uma aprendizagem nos moldes traçados por esta mãe.

2.2. CURSO DO CIER.

Já se passara praticamente metade do primeiro semestre. Curiosidade... Ansiedade... Muitas expectativas. Era o dia do tão esperado curso oferecido por especialistas (fonoaudióloga, terapeuta ocupacional e psicopedagoga) dedicados ao trabalho com crianças com deficiência.

O curso seria ministrado no próprio espaço da instituição de Educação Especial (CIER). Trata-se de um centro destinado a cuidar do desenvolvimento educacional de alunos com deficiência.

[Br48] Comentário: Trata-se de um Centro Integrado de Educação e Reabilitação localizado no município e atende cerca de 560 crianças portadoras de deficiências diversas.

Ele foi dividido em quatro etapas iniciais, segundo cada deficiência e os professores tinham que respeitar a seqüência estabelecida para organizar os dias de curso.

Cada etapa tinha carga horária de cinco horas, oferecidas em dias distintos e eram divididas da seguinte forma:

- Primeira etapa: Deficiência Mental.
- Segunda etapa: Deficiente Visual.
- Terceira etapa: Deficiência Física.
- Quarta etapa: Deficiência Auditiva.

Na verdade, os professores tinham sua participação confirmada no curso devido à realidade vivenciada no interior da escola em que trabalhavam, ou melhor, se apresentavam em sua sala de aula alunos que se enquadravam em alguma das deficiências apontadas acima.

Os professores não podiam participar de cursos que fugiam de sua realidade, ou seja, se tinha alunos com deficiência mental só podiam participar da etapa referente a essa deficiência. Nos demais dias, estavam dispensados.

Foram convocados a participar do curso somente os professores que tinham, em sua sala de aula, alunos com deficiência, segundo os padrões do CIER. Os demais professores da rede municipal foram dispensados de tal participação, embora muitos demonstrassem interesse em aprofundar seus conhecimentos e ter contato com a educação inclusiva atual e seus desafios. Mas como não tinham alunos com deficiência matriculados em suas respectivas salas não podiam participar.

Ansiosos, os professores convocados aguardavam o início do curso. Era uma experiência nova, o CIER era um espaço desconhecido por muitos educadores que ali se encontravam.

As expectativas eram grandes. Conversavam entre si expondo suas experiências vivenciadas em sala de aula com alunos portadores de deficiência.

Buscavam encontrar algo ali, naquela instituição. Claro que sim. Estavam vivendo um momento educacional novo, repleto de desafios e confrontos e precisavam de amparo. Sentiam extrema necessidade de saber o que fazer? Como? Por quê?

Tinham curiosidade em saber se a prática pedagógica adotada em sala de aula com alunos com deficiência estava correta. Como proceder com esses alunos? O que fazer? Quais os caminhos que deveriam tomar?

Queriam saber o que o CIER tinha para lhes oferecer. Respostas para os problemas enfrentados? O que fazer com os alunos com deficiência na sala de aula?

Não queriam receitas para seguir, queriam respaldo, respostas para suas inúmeras indagações. Por se tratar de um espaço especializado, talvez, acreditassem poder encontrar ali respostas prontas para as diversas situações enfrentadas em sala de aula.

Enfim, o curso se iniciou e foi bem teórico. Uma ampla apresentação de todas as deficiências existentes e suas respectivas causas. Filmes. Dinâmicas. Risadas descontraídas.

No entanto, nada escondia a ansiedade dos professores em saber o que os profissionais do CIER tinham para lhes dizer. Queriam um respaldo para os problemas enfrentados em sala de aula, um amparo, uma orientação.

Estavam inseguros, pelo que se percebia nas conversas estabelecidas durante todo o curso. Não tinham certeza de que o trabalho que estavam desenvolvendo em sala de aula com os alunos com deficiência era correto.

A maioria dos professores ali presente parecia frustrado com o trabalho que desenvolviam em suas salas de aula. Consideravam-se despreparados para lidar com a inclusão escolar.

Vários eram os motivos apresentados: as escolas não eram adaptadas, as salas muito numerosas o que dificultava o trabalho com os alunos em geral, falta

de preparo para receber alunos com deficiência em sala de aula, falta de orientação e outros.

Todos esses problemas foram discutidos no curso. Eram angústias que afligiam os professores de um modo geral. Sentiam-se desafiados a todo o momento pelas diferenças em suas salas de aula.

Os profissionais do CIER tentaram, na medida do possível, responder às inúmeras indagações dos professores. Deixaram claro que não existia um caminho certo a ser seguido, cada professor é que iria traçar o seu e da melhor forma possível.

[Br49] Comentário: " Temos de saber aonde queremos chegar. Para isso, é importante que fique claro que não existe "o" caminho a ser seguido, mas caminhos a escolher, decisões a tomar. E escolher é sempre correr riscos." (MANTOAN, 2006, p.11).

Não havia certo ou errado. Havia muitos conceitos para serem compreendidos e conhecimentos a serem apreendidos/ buscados nas mais variadas fontes possíveis. Cabia, então, ao professor buscá-los em tempo disponível.

O CIER estava de portas abertas e à disposição dos professores que, em algum momento de sua trajetória pedagógica, sentissem necessidade de buscar mais informações sobre determinadas situações enfrentadas em sala de aula.

Enfim, o curso findou-se deixando as mais variadas marcas nos professores. Marcas positivas e/ ou negativas.

Positivas no sentido de que auxiliaram a compreender que:

- As diferenças existem e que devem ser respeitadas.
- Quando nos colocamos no lugar do outro em uma tentativa de sentir / perceber suas dificuldades tudo fica mais fácil de ser resolvido.

- Todos os alunos, com ou sem deficiência, são capazes de se desenvolver/ de ter sucesso em seu percurso tanto no espaço escolar quanto fora dele.

Negativos, no sentido de que:

- O curso poderia ter se estendido por mais tempo.
- Foi o único curso oferecido durante todo o ano letivo.
- Não foi oferecido a todos os professores da rede municipal.

Vale destacar que o curso que teve maior duração foi o de Deficiência Auditiva, porque os professores que dele participaram tiveram acesso ao curso básico de Língua de Sinais. Os demais foram de curta duração, ou seja com cinco horas apenas.

Os professores do CIER saíram com uma ampla rede de informações sobre as mais variadas deficiências e suas respectivas causas. No entanto, sozinhos. Com seus alunos no pensamento, seus problemas e com os desafios da inclusão.

Parecia que, de forma geral, segundo as falas dos professores no final do curso, levavam consigo a esperança de conseguirem, meios de alcançar resultados mais satisfatórios em suas salas de aulas.

Não seria tarefa fácil. Claro que não. Demandaria dos professores tempo, paciência, perseverança e, sobretudo, conhecimento. Alguns professores pareciam dispostos a tentar e descobrir as nuances dos desafios impostos pela profissão.

2.3. O INÍCIO DE UM NOVO OLHAR.

A relação dos alunos com a Márcia e o Antonio não estava fluindo satisfatoriamente. Faltava algo.

Algumas crianças não queriam se aproximar de Márcia, não ajudavam Antonio quando este necessitava.

Algo precisava mudar. Mas o quê? Por onde começar? O que fazer?

Senti, inicialmente, que as crianças necessitavam de conversas mais abertas e sem restrições sobre o Antonio e Márcia. Necessitavam de respostas mais sensatas e sinceras de minha parte para suas inúmeras indagações sobre esses seus dois colegas.

Como fazer isto?

Na presença da Márcia? Será que ela gostaria de ouvir que não teria a possibilidade, em sua vida, de andar como os demais?

Na presença de Antonio? Seria decepcionante para ele ouvir que não iria ser alfabetizado já na 1ª série.

Que impacto minhas repostas refletiriam na sala? Positivo? Negativo?

Precisava aproximar-me mais do grupo. Ser sincera ao dar respostas. Não "disfarçar" a cruel realidade de Márcia e de Antonio. Satisfazer as curiosidades das crianças cautelosamente. Intervir nos comentários desagradáveis positivamente. Fazer tudo isto, mas, não na presença de ambos os colegas com deficiência.

[Br50] Comentário: " Seja ou não uma mudança radical (...) é cercada de muita incerteza e insegurança, mas também de muita liberdade e ousadia para buscar outras alternativas, novas formas de interpretação e de conhecimento que nos sustentem e nos norteiem para realizar a mudança." (MANTOAN, 2006, p.14).

Unir o grupo. Criar vínculos. Isto sim, era necessário naquele momento . Sabia que sozinha não iria conseguir grandes avanços.. Precisava da ajuda de mais alguém. Mas quem?

Da coordenadora? Da diretora? De outras colegas de trabalho?

Claro. Mas isto ainda não era suficiente. Estas colegas estavam afastadas demais do dia-a-dia da minha turma. Acompanhavam o caso, mas não vivenciavam no dia-a-dia a experiência de conviver com crianças que sentiam necessidade de descobrir o mundo dos dois coleguinhas.

Não experimentavam a angústia que eu sentia frente à curiosidade das crianças em saber o motivo de os dois coleguinhas não terem nascido como eles. Por que eram diferentes? Por que estavam ali, naquela sala? Por que não aprendiam como os demais?

Textos diversos, livros, palavras e palavras... foram os meus companheiros durante toda a trajetória letiva. Respostas imediatas e solução total dos problemas neles não encontrei. Os desafios eram muitos e as experiências vivenciadas muito ricas faziam-me compreender pouco a pouco as nuances do dia-a-dia escolar, na perspectiva da inclusão.

[Br51] Comentário: "...
Aprendemos realmente quando conhecemos o outro e nós mesmos como seres singulares, capazes de estabelecer vínculos entre si. Desses vínculos com nossos pares, com os objetos e com os demais seres é que nascem o entendimento, a compreensão. A origem do conhecer é, certamente, o desejo de estabelecer e de fortalecer esses vínculos que contextualizam, humanizam, criam laços entre o objeto e o sujeito do conhecimento. Os laços afetivos fazem o conhecimento expandir-se, extrapolar o seu lado meramente cognitivo e penetrar em regiões mais fundas e significativas - as emoções, as sensações que surgem de aprender com os outros, de fazer a quatro mãos".
(MANTOAN, 2001, p.10).

[Br52] Comentário: "Estamos todos no mesmo barco. Portanto, vamos assumir o comando e escolher a rota que mais diretamente nos pode levar ao que pretendemos. Essa escolha não é solitária e só vai valer se somarmos nossas forças às de outros colegas, pais, educadores em geral, que estão cientes de que as soluções coletivas são as mais acertadas."
(MANTOAN, 2006, p. 10).

[Br53] Comentário: "(...) Saibamos ou não, estamos sempre agindo, pensando, propondo, refazendo, aprimorando, retificando, excluindo, ampliando segundo paradigmas (...) Podem ser entendidos, segundo uma concepção moderna, como um conjunto de regras, normas, crenças, valores, princípios que são partilhados por um grupo em um dado momento histórico e que norteiam nosso comportamento, até entrar em crise, porque não nos satisfazem mais, não dão mais conta dos problemas que temos que solucionar."
(MANTOAN, 2006, p. 13).

2.4. O PARQUE.

Estavam todos eufóricos. Não viam o momento de atravessar o pátio da escola, que dava acesso ao parque. Gritos, músicas curtinhas, falatório... Tudo isso não podia faltar nessa pequena caminhada.

Era final de tarde. iam brincar nos brinquedos no parque, até o momento da saída. Já estavam com saudades daquele lugar. Fazia tempo que não o freqüentavam.

A escola reservava o horário de parque como sendo prioridade apenas para as turmas da Educação Infantil. Os demais alunos, por cursarem séries da Educação Fundamental, não gozavam desse privilégio.

Naquele dia, no entanto, valeu uma exceção. Fizemos, em comum acordo com a direção, o nosso horário de parque. Eram poucos minutos, mas valia a pena.

A ansiedade por estar ali era tanta que não conseguiam conter as palavras. Elas vinham fluentemente, sem segredos ou limitações. Com elas, os alunos traçavam o que iriam fazer durante o tempo em que estivessem no parque.

Queriam explorar o máximo que pudessem aquele tão privilegiado local. Brincar e pular. Correr e cansar-se. Estavam livres de todas as burocracias da sala de aula. Cadernos..., lápis..., papéis ... não faziam parte daquele contexto.

Interagir. Estar com o outro. Era essa experiência uma das mais ricas, que teriam oportunidade de vivenciar ali e, portanto, tinham que aproveitar o máximo.

Passos rápidos e atrapalhados. Caminhavam lado a lado. Olhavam-se de quando em quando. Buscavam compreender algo. Talvez procurassem descobrir o que o coleguinha estava tramando ou, então, o que deveriam fazer naquele momento. Correr? Andar? Pular?

Vento suave, sol, areia, enfim, o parque. Estavam, agora, livres para construir seus mais elaborados planos. Podiam gritar sem limites ou restrições. Gritar além dos horizontes escolares.

Corriam das mais variadas formas: de braços abertos, de costas, de lado, sozinhos ou em grupo, com uma perna só. Corriam apenas. Lançavam areia para cima, lançavam-se no chão. Viravam cambalhotas.

Antonio também fazia parte dessas travessuras. Não conseguia acompanhar todos os movimentos dos coleguinhos, mas valia a pena o seu esforço ao tentar. Corria como se fosse um astronauta. Parecia cair, mas conseguia se manter.

Arriscou várias tentativas de fazer cambalhotas como seus “professores” e só o que conseguiu, durante o tempo em que estava ali, observando-os, foi abaixar-se e levantar as pernas. Fez este movimento inúmeras vezes e ficou satisfeito de sua conquista.

Em meio a toda aquela correria, faltava algo. Naquela doce diversão, eu queria que estivessem todos, juntos, unidos para brincar.

Novamente havia uma exceção: era Márcia. Estava praticamente sozinha num cantinho do parque. Perdida em seus muitos pensamentos.

Ela não queria brincar. Apenas observava seus coleguinhas correndo para todos os lados. Acompanhava-os, seguindo seus movimentos com leves sorrisos na face. Parecia satisfazer-se em apenas vê-los brincar.

Era praticamente impossível tentar descobrir, naquele momento, o que estava realmente pensando. Talvez quisesse correr junto com as demais crianças. Correr das mais variadas formas: de costas, de lado, com uma perna só...

Aproximei-me para fazer-lhe companhia. Observava-me apenas com um sorriso maroto. Parecia querer dizer-me algo. Faltava-lhe coragem para expressar-se?

Timidamente arriscou em dizer-me:

“ _ Pro, parece que tá tão gostoso colocar o pé na areia.”

Respondi-lhe que realmente as crianças estavam gostando de brincar ali. Naquela fala tão simples, desejava estar junto com seus colegas. Sim. Correndo.

Queria estar ali, no parque, não apenas observando-os, mas participando de toda a brincadeira. Queria colocar seu pé na areia também.

Então, perguntei-lhe em seguida:

“ _ Márcia você quer colocar os seus pés na areia? Vamos descer da cadeira?”

Tardou em responder-me. Simplesmente disse-me que não queria. Estaria lutando contra o seu próprio desejo? Queria brincar mas conseguiu, naquela tarde, sufocar todos os seus anseios.

Calou-se apenas. Satisfez-se em observar o que acontecia à sua volta. Trancou-se em seu "mundinho" e, dali, dava sinais dos seus muitos desejos com apenas leves sorrisos.

2.5. O PEDIDO DE MÁRCIA: VERGONHA E MEDO.

Era início de aula. Barulhos de folhas e lápis. As crianças se preparavam para mais um dia de aula. Concentravam-se em fazer a tarefa proposta. Conversavam bastante. Os assuntos as brincadeiras, os programas de TV, o recreio...

Márcia parecia inquieta. Queria falar algo, mas calara-se. Devia ser importante o que queria dizer, mas guardava para si como um segredo.

Conversas, tic-tac do relógio... Ouvi em meio a todo o barulho da sala uma voz que me chamava. Era Márcia. Estava decidida a contar-me o seu inusitado segredo.

Aproximei-me. Estava com vergonha de dizer. Não queria que seus colegas a escutassem. Segredo absoluto. Totalmente desconcertada, pediu-me singelamente:

"_ Professora, eu quero ir ao banheiro."

Rapidamente, respondi-lhe que, então, aguardasse que iria pedir para que uma funcionária da escola a acompanhasse.

Márcia recuou na cadeira e humildemente fez-me um outro pedido:

"_ Eu quero que a senhora vá comigo. Eu tenho vergonha."

Então perguntei-lhe:

"_ Se eu for com você, não vai sentir vergonha?"

"_ Vou, mas só um pouquinho."

Esse pedido desestruturou-me completamente. O que fazer? Que resposta dar?

Seria correto atender ao seu pedido ou seria melhor ignorá-lo e chamar a funcionária para levá-la? Como ficaria Márcia se recusasse ao seu segundo pedido?

Estava com vergonha. Não queria ser acompanhada por uma pessoa estranha. Queria que eu a acompanhasse de qualquer forma. Já estava mais acostumada com a minha companhia, na escola.

Então, decidi acompanhá-la. Sua locomoção da sala era dificultada pelo fato de a escola não ser adaptada. Degraus permeavam o caminho de Márcia por toda a escola. Uma funcionária ficou com a sala na minha curta ausência.

Márcia estava satisfeita, embora com vergonha. No banheiro, sabia se virar sozinha. Queria apenas a minha companhia para auxiliá-la a descer e subir da cadeira, tirar e colocar a fralda.

Retornamos juntas para a sala. O silêncio nos acompanhava. Ela nada dizia, mas sentia-se segura e, eu aprendendo, no dia-a-dia, com os desafios a mim impostos, crescendo junto com aquelas crianças tão pequeninas e cheias de vida.

2.6. VISITA DA TERAPEUTA OCUPACIONAL: REFLEXÕES.

Era já quase metade do primeiro semestre. Início de aula. Distraída em meio à apresentação das atividades do dia, nem percebi a presença de uma pessoa que aguardava ser atendida na porta da sala de aula.

Era a terapeuta ocupacional. Não a conhecia. Pela primeira vez ela visitava aquela escola, naquele ano letivo. Estava ali para saber notícias de Antonio e de Márcia.

Apresentou-se rapidamente. Queria saber de ambos os alunos. Arriscou-se em fazer-me algumas perguntas simples, numa tentativa de conhecer a trajetória tanto familiar quanto escolar desses dois alunos.

Parecia básico, mas precisava de tais informações para iniciar o seu trabalho. Ouvia-me com atenção sem igual. Buscava, através de minha fala, um ponto inicial para orientar suas colocações no final de nossa conversa.

Assustou-se de início com a quantidade de alunos em minha sala de aula. Dizia não ser adequado ter uma sala tão numerosa já que possuía ali, incluídos, alunos com deficiência.

Queria conversar com Antonio e com Márcia separadamente. Era importante. Desejava conhecê-los melhor. Saber de suas histórias, ouvir o que tinham para contar sobre a escola .

Primeiro, retirou Antonio da sala por alguns minutos. Conversaram bastante sobre vários assuntos. Depois fez o mesmo com Márcia também.

Terminada toda essa trajetória inicial, pediu licença para conversar comigo. Eu a ouvia com atenção.

Queria saber sobre como eu estava lidando com Márcia em sala de aula. Ela tinha uma deficiência física, mas isto não queria dizer que era incapaz de realizar as atividades escolares.

Márcia era realmente capaz de desenvolver suas atividades escolares. Bastava propiciar-lhe condições para que isso acontecesse de fato.

Mas o que a impedia de avançar mais? Seria a timidez? A sua deficiência? A escola, de um modo geral com toda a sua complexidade?

Márcia não andava sozinha pela escola de maneira nenhuma. Sempre tinha alguém para acompanhá-la.

Desde os primeiros dias de aula passei a observar como seus pais lidavam com a questão de tê-la numa cadeira de rodas. Era simples: eles a conduziam por toda a parte.

Então, pela minha inexperiência no caso, passei a acreditar que esta era uma das formas mais adequadas de contribuir para a efetivação de seu desenvolvimento, sem constrangê-la. Queria que se sentisse acolhida na escola.

Mesmo adotando essa atitude como a ideal/ mais adequada, deparava-me com situações que me faziam questionar se o que estava fazendo era realmente correto. Entretanto, não sabia naquele momento o que era realmente esse “correto”.

Na verdade, nesse caminho repleto de dúvidas, sabia que não estava sozinha. Meus companheiros de profissão também não tinham outras sugestões para me indicar. Eram inexperientes como eu. Buscavam compreender a situação e o que poderia ser realmente CORRETO para atender àquela aluna em suas necessidades.

Naquela conversa tida a terapeuta ocupacional, percebi que minhas atitudes estavam prejudicando (e muito) o desenvolvimento de Márcia.

Era importante para ela movimentar-se sozinha e enfrentar os desafios da escola. Não precisava empurrá-la por toda a parte. Precisava aprender /entender e lidar naturalmente com isso.

As dificuldades de aprendizagens que Márcia estava apresentando poderiam estar ligadas ao fato de que, por não se locomover sozinha, não exercitasse seu cérebro o suficiente?

Expus também à terapeuta que Márcia tinha lapsos de memória. Ora, demonstrava todo o seu conhecimento, fazendo tentativas de leitura e escrita e utilizando recursos próprios, ora nem sequer lembrava e/ou reconhecia as letras do próprio nome.

A terapeuta explicou-me que era necessário o ingresso de Márcia no Grupo de Apoio da escola. Tinha muitas dificuldades de aprendizagem e, este grupo poderia auxiliá-la a desenvolver-se mais facilmente.

Concordei com a indicação. Precisava dessa informação. Tudo era novo para mim.

Quanto a Márcia começou a frequentar as aulas de reforço escolar (Grupo de Apoio) já logo na semana seguinte.

2.7. O PRIMEIRO PASSO: REAÇÕES DE MÁRCIA.

Um novo dia de aula. Não sabia realmente o que iria acontecer até o final daquela tarde, mas estava disposta a tentar uma outra forma de tratar Márcia.

Ela precisava se desenvolver em todos os aspectos. Eu precisava propiciar-lhe condições para isto. Já estava na hora de motivá-la a locomover-se sozinha.

Como a escola não era adaptada, sabia que Márcia sempre necessitaria do auxílio de alguém para ajudá-la a atravessar os obstáculos lá existentes. Isto seria uma “ajuda” e não uma “dependência”.

Queria que Márcia deixasse de ser dependente para conseguir alcançar seus objetivos. Já era momento de ela mesma traçar seus caminhos e vivenciar novas experiências, na escola. Descobrir-se acima de tudo.

Esse processo de descoberta era muito importante para ela. Márcia, dava indicativos de interiorização de sua incapacidade de agir sozinha diante de situações vividas na escola.

Mesmo diante desse quadro tão delicado, decidi arriscar. Na verdade, não sabia nem mesmo como explicar minha decisão para Márcia. Alguns pontos ainda não eram claros para mim, pairavam em minha mente dúvidas como:

- Será que Márcia aceitaria bem o fato?
- Como reagiria diante da nova situação?
- Que sentimentos seriam despertados nela a partir desta nova experiência?
De capacidade ou incapacidade?
- Qual seria a reação dos seus pais ao saber que sua professora não a conduzia mais por todos os cantos da escola?

Eram questões aparentemente simples, mas que poderiam implicar situações constrangedoras tanto para Márcia quanto para mim.

Mesmo assim, expus a Márcia a minha decisão. Disse-lhe que a partir de então ela iria se locomover sozinha. Eu iria ficar por perto somente para auxiliá-la, caso precisasse de ajuda.

Ela concordou passivamente. Não disse nada. Então, conversei com os demais alunos da sala. Era para auxiliar Márcia somente se ela solicitasse, caso contrário, deveriam deixá-la se locomover livremente. Eles entenderam.

Enfim, bateu o sinal do recreio. As crianças saíram da sala para formar a fila, como de costume. Márcia não saiu do lugar. Entrei na sala para retirar a sua carteira do lugar e facilitar a sua locomoção.

Esperei sua reação. Não queria de forma alguma andar sozinha. Disse-me:

“- Ai, professora tem certeza que eu tenho que ir sozinha?”

Claro que tinha certeza. Era para beneficiá-la acima de tudo. Ela precisava descobrir-se como capaz e livre para ir e vir, na escola e fora dela.

Percebendo que eu não demonstrava indícios de querer conduzi-la naquele momento, não teve outra opção senão iniciar a contragosto o seu percurso sozinha. Dessa forma, conseguiu chegar até a porta da sala.

Parou. Havia um degrau ali. Olhou-me apenas e nada me disse, nem sequer solicitou o meu auxílio. Compreendi o seu silêncio. Não iria conseguir sair para fora dali sozinha.

Auxiliei-a, então, mas fora da sala de aula deixei que trilhasse o seu caminho sozinha. Ela ia à frente e as demais crianças atrás. Eu os acompanhava. Queria ver os resultados.

Márcia se movimentava vagarosamente. Não tinha tal costume. Lidar com a cadeira de rodas parecia ser algo novo para ela. Tinha que se acostumar com a idéia.

As crianças começaram a perguntar repetidamente:

“_ Professora, ela não consegue andar sozinha? Coitada. Ela já tá cansada. A senhora não vai empurrar ela?”

Acenei negativamente com a cabeça. Alguns alunos não se conformaram com a resposta.

“_ Então, a gente pode empurrar ?”

Também não. Apenas uma minoria da sala não tinha compreendido a situação e estava incomodada com o fato de a colega locomover-se sozinha.

Uma colega, preocupada com a tarefa “árdua” destinada a Márcia, rapidamente, colocou suas mãos na cadeira de rodas, disposta a conduzi-la. Márcia, toda satisfeita, nada disse.

Disse-lhe que esta atitude não fazia parte da nossa conversa inicial e que Márcia precisava andar sozinha. Era importante para ela.

“ _ Mas por que pro?”

A explicação mais rápida e compreensível que encontrei naquele instante foi dizer que ela precisava se movimentar muito para poder aprender/ desenvolver-se mais, caso contrário, não conseguiria obter bons resultados na escola.

Márcia parava constantemente. Não queria aceitar aquela situação. Emburrou-se. Acho que não desejava estar ali, na escola, naquele momento.

Percebi, em meio à nova cena, que uma pessoa nos observava. Era a coordenadora que, da porta da sua sala, acompanhava toda a nossa trajetória. Ela disse-me:

“ _ Você deve estar cansada. Márcia é muito pesada. Você quer ajuda para empurrar a cadeira de rodas?”

Respondi-lhe que não. Não estava cansada, pelo contrário, estava tentando apenas ajudar Márcia. Esclareci, rapidamente, que estava seguindo as orientações da terapeuta ocupacional.

Ela concordou comigo e lembrou-se da visita da terapeuta no dia anterior.

No final do corredor, deparei-me com uma outra funcionária da escola. Preocupada com o que via, ofereceu-me ajuda também. Disse-me:

“ _ Coitadinha, pro, posso levar ela pro pátio?”

[Br54] Comentário: “A imagem das pessoas com deficiência passou a ser de “coitadinhos” – vítimas do destino ou da sociedade -, de “vilões” – como o Capitão Gaúcho – a “super-heróis”. Essas pessoas foram muito esforçadas, capazes de superar todos os obstáculos que lhes apareceram na vida em sociedade.”
(MARCOLINO, 2001, p.17).

Respondi-lhe que não. Estava fazendo um teste. Queria que Márcia se habituasse a locomover-se sozinha. Concordou comigo meio a contragosto, mas não insistiu e apenas nos observou por um bom tempo.

Infelizmente, Márcia não conseguiu chegar até o pátio. Andou até o final do bloco das 1^{as} séries. Dizia-se muito cansada. Soltou os braços rapidamente num movimento de alívio. Então, terminei de conduzi-la para o recreio. Estava dispensada de sua missão naquele instante.

Acompanhei o recreio das crianças não só naquele dia, mas nos vários outros também. Precisava observar Márcia.

Nos outros dias, várias crianças (da minha sala e de outras séries também) insistiam em querer empurrar a cadeira de rodas. Márcia enchia-se de esperanças. Desejava ficar livre de sua tarefa.

Eu logo intervinha. Expunha sempre para eles quão importante era aquele exercício para a vida da colega. Eles entendiam as minhas inúmeras colocações e passavam a respeitá-las.

Não demorou muito e Márcia começou timidamente a sua tarefa, ainda a contragosto. Queria fazê-la entender, sobretudo, que procurava beneficiá-la e não prejudicá-la. Minha nova atitude não era um castigo, mas um desafio que eu lhe impunha para que ela desenvolvesse a sua autonomia.

2.8. FRALDAS: O SEGREDO DE MÁRCIA.

Areia... Vento suave... Estávamos no parque. As crianças corriam, pulavam, brincavam das mais variadas formas. Faltavam poucos minutos para o horário da saída.

Gritos. As crianças chamavam Márcia para brincar. Inútil. Novamente, ela não queria sair do lugar.

Estava em um dos cantos do parque, acompanhada por algumas coleguinhas que tentavam convencê-la a sair da cadeira para ir brincar.

Ela parecia não se incomodar em ficar ali. Aparentemente, sentia-se satisfeita em só observar a correria, os gritos, a euforia das crianças soltas no parque.

Acompanhava cada movimento com atenção. Sorria. Não demonstrava desejo de deslocar-se de forma alguma. Era difícil deixar o seu "mundinho".

Aproximei-me para conversar com ela. Queria acompanhar o que estava se passando. As coleguinhas se afastaram.

A conversa distraiu-a por alguns minutos. Falamos de suas travessuras, da vida dos coleguinhas e da escola.

De súbito, fez-me um pedido:

"_ Professora, ajuda eu descer? Quero brincar na areia."

[Br55] Comentário: "(...) A inclusão só pode ser compreendida no contexto de uma educação para todos, pautada no princípio da igualdade entre os homens, no respeito à individualidade e nas possibilidades de cada um, na equidade e na justiça, na paz e na cooperação."
(MANTOAN, 2001, p. 21).

As crianças que estavam mais próximas começaram a gritar para os demais:

“_ A Márcia vai sair da cadeira. Ela vai brincar com a gente.”

Alegria... Sorrisos para todos os lados. Rapidamente, o parque esvaziou-se. As crianças aproximaram-se. Queriam ver de perto ela descer da cadeira. E ela desceu vagarosamente, com um pouco de dificuldade. Pela primeira vez, ia brincar no parque. Dirigiu-se para a areia. As crianças a acompanhavam. Queriam vê-la brincar.

Rodearam-na, sentando a sua volta. Riam bastante. Queriam cobrir os seus pés de areia, mas Márcia não queria tirar os sapatos. Brincaram bastante: na areia e na gangorra.

As crianças queriam ajudá-la de qualquer forma. Acompanhavam-na por todos os lados do parque e ela se arrastava de um lado para o outro sem solicitar ajuda dos coleguinhas. Parecia sentir - se independente, livre.

Em meio a toda essa diversão, um colega gritou:

“_ A Márcia usa fralda. Ela é bebezinho...”

Apontava para colega e ria sem parar. As crianças o observavam. Não sabiam que Márcia usava fraldas, este era o seu segredo. No início do ano, ela pediu-me para que eu não dissesse nada para seus colegas, porque tinha vergonha.

[Br56] Comentário: “
Devemos aprender a conviver com o outro, que é diferente de nós, estabelecendo relações de alteridade, ou seja, colocando-se no lugar do outro, buscando estabelecer relacionamentos mais agradáveis e significativos.”
(MARCOLINO, 2001, p. 28).

A menina abaixou a cabeça e depressa pediu para que eu a auxiliasse a voltar para a cadeira. Não quis mais brincar. Estava séria, quase querendo chorar.

Pedi para que o colega parasse com aquele comentário. Estava magoando a coleguinha. Ele parou. Sorriu desconfiado e foi brincar.

Dado o horário de saída, fomos para a sala de aula pegar os materiais escolares. Márcia não via o momento de poder sair dali e ir para casa.

Antes de chegar na sala, a zombaria começou de novo. Achei que o aluno já havia se esquecido do episódio do parque, mas não, pelo contrário, incentivou a turma a “proclamar” repetidamente, em voz alta e num coro único, no bloco das 1^{as} séries:

“_ A Márcia é bebezinho. Ela usa fralda...”

Rapidamente, coloquei as crianças na sala de aula. Demoramos alguns minutos para irmos embora. Precisava conversar com os alunos. O aluno não podia continuar proclamando pela escola a fora a situação da colega.

Esclareci para a sala que Márcia não era um bebezinho. Ela era uma criança que nascera perfeita, assim como eles, mas que, devido a uma cirurgia pós-nascimento, ficara naquela situação.

Dependente de uma cadeira de rodas para se locomover, não podia andar assim como eles, portanto, não tinha a liberdade de ir ao banheiro a todo o momento que sentisse vontade e era obrigada a usar fraldas para facilitar sua estadia na escola.

[Br57] Comentário: “A inclusão implica, em primeiro lugar, aceitar todas as crianças como pessoas, como seres humanos únicos e diferentes entre si. As diferenças existem entre nós e não se justifica classificar grupos de pessoas como sendo especiais, e segregá-los na escola e em outros ambientes da vida.” (MANTOAN, 2001, p.13).

As crianças ouviam-me apenas. Pareciam estar arrependidos do feito. Os olhares se cruzavam em busca, talvez, de contornarem a situação. Nem sequer murmuravam.

Foram embora depois da conversa. Cada qual pensando com seus botões. Arrependidos, alguns alunos pediram desculpas à Márcia. Promessas de melhorarem não faltaram no momento da despedida.

O arrependimento valeu por alguns dias, mas foi perdendo a sua força pouco a pouco. Sempre havia algum aluno para iniciá-lo com desdenho. Tudo se acalmou tempos depois. O uso da fralda deixou de ser uma novidade para eles.

2.9. O FINAL DO ANO: MUDANÇAS.

A escola estava repleta de crianças no último dia de aula. Era dia da despedida.

Dia de relembrar os bons momentos vividos na escola com aquelas crianças tão pequenas, tão cheias de vida e que contribuíram significativamente para que eu me tornasse a professora que hoje sou.

Eu sentia que já não era mais a mesma do início do ano letivo. Já não era mais a professora inexperiente, relutando e resistindo às mudanças, recuando diante dos desafios impostos pela profissão.

[Br58] Comentário: "A inclusão é, pois, um assunto que causa um certo desconforto às pessoas, principalmente no âmbito educacional, porque sabemos que ela só acontece quando as escolas se modificam. A modificação não é somente nas instalações físicas, mas em toda a proposta pedagógica, metodológica, administrativa." (MANTOAN, 2001, p. 17).

No convívio com aquela turma, durante todo o ano letivo, uma nova concepção em relação ao meu papel de professora fora fortalecendo.

Agora, motivada pelo desejo e, acima de tudo, pela necessidade de buscar respostas para os problemas enfrentados em sala de aula, amparava-me na busca por novos conhecimentos.

O medo, a insegurança, a inexperiência e os preconceitos já não faziam mais parte do meu cotidiano escolar. Eu havia crescido profissionalmente, mas com uma ressalva: ainda tinha (e tenho) muito a aprender.

Os alunos já não eram mais os mesmos. Havia mudado também no decorrer do ano. A presença de Márcia e de Antonio em nossa sala de aula permitiu criar um ambiente de cooperação, de amizade, de solidariedade, de respeito ao próximo.

A escola, com toda a sua rigidez, estava mudando também. Havia passado por algumas reformas: iniciou-se naquele final de ano, uma pequena adaptação do prédio escolar para que Márcia pudesse se locomover sem problemas.

Tudo ali, estava se modificando. Márcia, naquele final de ano, havia descoberto o "mundo da leitura e da escrita". Lia tudo o que via pela frente. Antonio grafava algumas letras do nome aleatoriamente sem ordená-las ou nomeá-las (tinha muitas dificuldades em fazê-lo).

Em meio a todas essas aquisições e mudanças, os alunos não escondiam suas ansiedades. Era o último dia de aula e, queriam ficar juntos.

[Br59] Comentário: "(...) o investimento na formação profissional é fundamental. Como todo profissional competente, o professor precisa aperfeiçoar-se continuamente." (MANTOAN, 2001, p. 21).

[Br60] Comentário: "Estudos têm evidenciado que o convívio com pessoas deficiência promove o acesso a uma gama mais ampla de papéis sociais e o respeito às diferenças, desenvolve a cooperação e a tolerância, favorece a aquisição do senso de responsabilidade, além de melhorar o desempenho escolar (Jover, 1999, p.13)." (MANTOAN, 2001, p.18).

[Br61] Comentário: "(...) a escola precisa mudar tanto a estrutura física como os princípios teóricos e metodológicos, oferecendo diversos contextos educacionais, diversas práticas de ensino e atividades que respeitem as individualidades e possibilidades dos alunos, tomando-a um lugar de aprendizagem, de partilha de conhecimentos, de afetos, de diversas relações, e, principalmente, fazendo dela um lugar onde todos – sem excluir ninguém – possam vir, sentir-se bem, aprender e viver juntos." (MARCOLINO, 2001, p. 23).

[Br62] Comentário: "(...) a partir dos anos 90, emerge nas escolas o propósito de que todas as pessoas devem ser incluídas nas salas do ensino regular. Os ambientes físicos e os procedimentos educativos teriam de ser adaptados para atender à diversidade do alunado, de forma que fossem consideradas as necessidades de todos os alunos." (MARCOLINO, 2001, p.17).

Sol, vento e muita areia... As crianças corriam para todos os lados. Riam... Pulavam... Aproveitavam o pouco tempo que lhes restava na escola.

Antonio brincava com os colegas e mostrava-se satisfeito por estar ali.

Márcia, sem relutar, saiu (com auxílio) da cadeira de rodas. Também queria brincar. Queria estar junto com os demais colegas.

Rapidamente, tirou os sapatos. Era a primeira vez, durante todo o ano letivo, que ela ficava descalça. Queria sentir a areia, sentir o calor do chão assim como os demais coleguinhas.

Eu sabia que naquela escola, aquelas crianças não teriam mais problemas de conviver com as diferenças.

Sabia também que a vida escolar de Márcia e de Antonio ainda estava em jogo. Ambos tinham muito para aprender e ensinar naquela escola.

Naquele dia, as horas se passaram rapidamente. Era o momento de ir embora. Despedi-me dos alunos.

3. O REENCONTRO COM MÁRCIA.

Um ano depois retornei à escola. Alegria, sorrisos, muitos abraços, vários beijos... Eram, agora, meus ex-alunos, meus amigos inesquecíveis... Já não mais tão pequeninos como antes, estavam crescidos no tamanho, na dignidade, na honestidade, no conhecimento... Agora, cursavam a 3ª série!

[Br63] Comentário: “ (...) Acreditamos que a educação não pode mais excluir aqueles que fazem parte do nosso mundo, que contribuem com a sua parte para a nossa vida. Todos devem ter possibilidades de conviver com todos, e quem somos nós para tentar impedir essa convivência?” (MARCOLINO, 2001, p. 13).

[Br64] Comentário: “ A escola deve educar pra a vida e deve considerar a sensibilidade e a emoção das pessoas envolvidas com o ensino da criança, além das emoções delas.” (MARCOLINO, 2001, p. 28).

Queriam falar todos ao mesmo tempo. Cada um querendo contar um pouco de si: suas experiências, suas trajetórias, como estavam os estudos... Contar a história dos coleguinhas que em, algum momento do percurso escolar, "fracassaram" e já não estavam mais juntos. A separação parecia incomodá-los. Queriam saber um pouco de mim: em que escola estava trabalhando, com qual série, se iria voltar a trabalhar novamente naquela escola.

Diziam estar com saudades. Eu também: saudades do tempo em que lecionava para aquelas crianças tão pequeninas cheias de força, de vigor, de criatividade, de alegria... e, muitas já, desde cedo, marcadas pelas dificuldades que a vida lhes impunha, numa luta constante de sobrevivência digna.

Um "EU NÃO ACREDITO" fez-se ouvir em meio à euforia.

Era Márcia que, sabendo da minha visita surpresa à escola, estava à minha procura. Grande, forte, cheia de esperança, cheia de vida... Agora, uma "pré-adolescente" e não mais uma criança. Um abraço muito forte uniu nossas lembranças e fez-me reviver os dias letivos com aqueles alunos em 2005: os choros, as dificuldades, os transtornos da vida, os imprevistos, as alegrias, as descobertas, as conquistas... que juntos vivenciamos.

Levantei as mãos para segurar na cadeira de rodas. De súbito, ela respondeu-me:

"-- Não precisa não pro. Eu já consigo andar sozinha."

Falou assim e, rapidamente, virou a cadeira de rodas e seguiu em direção à sua sala. Eu a acompanhei. Estava surpresa; era a resposta mais bonita que já tivera em toda minha vida profissional. Márcia tinha crescido: não só em tamanho, mas em entendimento, em sabedoria, em conhecimento ...

Era agora, independente. Podia ir para qualquer canto da escola já que os degraus do passado não existiam mais. Tinham sido substituídos por rampas!

Já na porta da sala, despediu-se de mim com poucas palavras. Precisava assistir à aula.

Fiquei na escola durante todo o período escolar. No recreio, mais alegrias: Márcia andava para todos os lados sozinha e rodeada de crianças. Tinha muitos amigos.

Não consegui rever todos os alunos. Alguns estavam estudando no período da manhã, outros haviam mudado de escola, de bairro, de cidade.

No final da tarde, na saída, Márcia veio despedir-se de mim acompanhada de alguns alunos. Precisava entregar-me algo. Era importante. Estendeu-me suas mãos e entregou-me uma cartinha. Passara um bom tempo da aula escrevendo-a. Era um papel repleto de corações, seu nome e o meu, uma mensagem... Agradei seu presente e ela me disse:

"-- Pro, nunca se esqueça de mim. Não jogue este papel fora. Não é um presente, ele é parte de mim."

Despedimos-nos. Fui para casa com uma parte de uma pessoa muito especial que depositara, um dia, em mim, a sua confiança e que ensinara -me a viver "com o coração". Uma criança que me fizera reconhecer que " ser professor implica a adesão a princípios e valores e a crença na possibilidade de todas as crianças terem sucesso na escola" (NÓVOA, 1998, p.37) . Que fizera-me acreditar que:

"... Ninguém diz a roseira que ela deve florir; ninguém a manda florir; se lhe derem as condições que lhes são favoráveis, os botões virão, hão de abrir-se a luz." (NÓVOA op.cit. António Sérgio,1954, p.35).

3.1. O REENCONTRO COM ANTONIO.

No final da tarde, crianças brincavam no parque. Várias. Da mesma série. Dentre elas estava Antonio que corria com toda disponibilidade e vigor. Sabia respeitar a sua vez de ir aos brinquedos. Comunicava-se bem com os colegas. Respeitava o próximo. Resolvia situações - problemas segundo suas capacidades e limitações...

Mas, não correspondia às expectativas da escola . Não estava de acordo com o padrão de "normalidade" adotado por esta instituição.

[Br65] Comentário: "Afirmamos ser necessário intensificar relações gratificantes de convivência com pessoas diferentes, relações estas que exigem novos padrões e ações, diferentes daquelas que comumente nos são apresentadas nas escolas com práticas tradicionais, para que todos os alunos sejam incluídos e se sintam bem neste ambiente." (MARCOLINO, 2001, p.25)

[Br66] Comentário: Segundo Mantoan, "a escola esquece que muitos desses alunos conseguem se manter encontrando soluções para resolver problemas cruciais de sobrevivência, que outras pessoas, até mais velhas, não seriam capazes de criar. Não contam igualmente as experiências escolares desses mesmos alunos, que indicam o uso do raciocínio e do que são capazes de inventar, de construir para atingir objetivos difíceis para suas capacidades. Vigoram no geral,exclusivamente, os fracassos diante das respostas que a escola elege como definitórias do saber..." (1997, p. 30).

[Br67] Comentário: "...quando o uma criança fracassa na escola é nela, criança, que residem os entraves do êxito escolar. Nesse sentido, a sociedade, entendida como conjunto de instituições, e os membros ditos "normais" que a compõem, são sempre considerados como sendo, a priori, ajustados, adaptados, eficientes e o deficiente é o elemento que nela destoa, não correspondendo às suas normas e que, em função dessa dissonância, precisa ser cuidado, reeducado, readaptado, reabilitado para se inserir no contexto em que vive". (MANTOAN,1997, p.18).

[Br68] Comentário: " (...) os alunos precisam se "encaixar" nos serviços que a escola dispõe, ao invés de ela se adequar para atender às necessidades dos alunos respeitando as suas limitações. De acordo com Doré (citado por Castro, 1997), afirmamos que "[...] a escola oculta seu fracasso face aos alunos em dificuldades e os isolam nos serviços segregados de educação" (p . 25)." (MARCOLINO, 2001, p.21).

A barreira da diferença imposta a ele pelo sistema educacional colocou-o forçosamente no caminho do fracasso. Antonio não conseguiu enquadrar-se nos parâmetros escolares tradicionais, que excluem as diferenças.

Aproximei-me para vê-lo... Um sorriso estampou-se em seu rosto. Conversamos bastante. Ele queria dizer-me o que havia feito durante a aula.

"-- Pro, eu fiz toda a lição... Recortei revista também..."

Tudo do seu jeitinho, segundo a sua compreensão. Para ele, uma alegria. Conseguira fazer o que a professora havia pedido.

O fato de ter "realizado a tarefa" trazia-lhe satisfação. Isto mesmo estava satisfeito. Havia superado mais um desafio dentre tantos outros que a vida escolar lhe impunha. Mas à seu modo, segundo seu ritmo de aprendizagem.

Eu queria saber mais sobre aquele aluno. Como estava se desenvolvendo na 2ª série. Queria ouvir o que a professora tinha para me dizer a respeito de seu desempenho escolar.

A professora estava ali por perto observando as crianças brincarem. Logo que me aproximei já começou a relatar suas experiências vividas com aquela turma.

Sentia-se segura em relação ao seu trabalho pedagógico, contudo, insegura mediante o fato de alguns alunos não corresponderem às suas expectativas.

Dentre esses alunos estava Antonio com suas dificuldades de assimilar os conteúdos transmitidos, de aprender.

[Br69] Comentário: "Nas escolas tradicionais, os alunos fracassam não por serem incapazes de aprender, mas pelo fato de não encontrarem possibilidades e oportunidades para se desenvolverem plenamente e para aprenderem significativamente." (MARCOLINO, 2001, p. 9).

[Br70] Comentário: "(...) na educação escolar há uma 'luta' entre o real instituído (normas, regras e valores) e o real instituinte (sociabilidade que existe nas relações entre os seres que são enigmas, cujas histórias próprias não se pode dominar). No âmbito das relações entre os seres, o real instituinte desestabiliza o real instituído, porque o contato com o outro, que é diferente de nós, com o imprevisível que partilha o mundo conosco, porém com base nas suas vivências e culturas, possibilita diversos movimentos e formas de agir que confrontam as regras e os valores pré-determinados." (MARCOLINO, 2001, p.10).

[Br71] Comentário: "...aprender é errar, é ter dúvidas, expressar dos mais variados modos o que sabemos, representar o mundo a partir de nossas origens, valores, sentimentos". (MACHADO, 2001, p.9).

[Br72] Comentário: "(...) a inclusão coloca em xeque as competências da escola tradicional em atender às diferenças individuais dos alunos (...) a inclusão consiste em oferecer um ensino de qualidade para todos os alunos, o que englobará também os deficientes." (MARCOLINO, 2001, p.25-26)

Era quase metade do primeiro semestre e a vida escolar daquele aluno já estava destinada: iria cursar aquela série (2ª série) pela terceira vez!!!

[Br73] Comentário: "Encontramos em nossa sociedade diversas escolas que ainda não se libertaram de práticas discriminatórias, segregadoras e limitadas, que são direcionadas não apenas às crianças com alguma deficiência mas também às demais crianças que se deparam com algum tipo de dificuldade."
(MARCOLINO, 2001, p.26).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fato que a inclusão é um desafio educacional que tem exigido das escolas de ensino regular um novo posicionamento em relação às suas práticas escolares.

Essa exigência pauta-se na adoção de um novo modelo educacional que vise atender às necessidades e especificidades de cada educando já que nas escolas as diferenças existem e, portanto, devem ser respeitadas.

Contudo, esse espaço institucional insiste em manter-se fechado às mudanças. A escola resiste, de certa forma, em não se abrir para novos conhecimentos mantendo uma estrutura rígida fundada em princípios tradicionais que fundamentam a prática de transmissão do conhecimento e que favorece a propagação da exclusão, ao longo dos tempos.

Dentre os fatores apresentados para a ocorrência da resistência está a justificativa utilizada pelos professores de que não estão preparados para trabalhar com alunos com deficiência nas salas de ensino regular.

Os professores só entendem que um aluno aprende, quando acompanha a turma, sem problemas e aprende no mesmo tempo que seus colegas.

O medo dos professores de enfrentar as dificuldades de alfabetizar esses alunos e de ter de se dedicar exclusivamente a eles, tendo uma turma numerosa para atender, é o que está por detrás de toda a resistência à inclusão. Os professores se recusam em vivenciar essa experiência por acreditar ser impossível desenvolver um trabalho satisfatório com esses alunos sem uma formação específica.

A exigência de uma formação específica do professor de ensino regular para ensinar alunos com deficiência em turmas comuns do ensino regular é equivocada e retarda a inclusão de alunos com deficiências nas escolas.

Na verdade, o fato de não ter essa formação não deve impedir a inclusão dos alunos com deficiência nas turmas comuns, mas servir como um incentivo à busca do conhecimento necessário para enriquecer e melhorar o trabalho pedagógico.

Esse despreparo foi sentido por mim, inicialmente; pensei que não conseguiria incluir os meus dois alunos, por não ter uma formação específica para lidar com eles, adequadamente.

A experiência que tive com os dois alunos com deficiência em minha turma foi fundamental para quebrar as barreiras que o preconceito interpunha entre mim e esses alunos.

No início do ano, cheguei a me frustrar com a dificuldade de Antonio acompanhar a turma. Entendi depois de algum tempo que Antonio, apesar de não ter aprendido tanto quanto seus colegas, conseguiu avançar na alfabetização. Aprendi tudo isso, convivendo com ele e me distanciando dos preconceitos e das práticas tradicionais de ensino.

Eu me dediquei a esses dois alunos sem, contudo, abandonar os demais e isso só foi possível, quando comecei a olhar e a agir com eles sem medo e sem focar a deficiência de cada um, confiando na capacidade que eles tinham de aprender.

Apeguei-me à idéia de que Antonio e Márcia aprenderiam cada um no seu tempo, do seu modo e, apesar de suas limitações, fui em frente, sem me frustrar

com o que eles aprenderam no final do ano letivo. Ambos me surpreenderam com o que conseguiram tirar proveito das minhas aulas.

A inclusão de Márcia e Antonio foi sendo compreendida por mim e pelos seus colegas de turma e de escola, na convivência com eles e tentando encontrar a melhor maneira de atendê-los em suas necessidades. Assim é que só aprendemos a incluir, incluindo, tendo um encontro real com esses alunos e conhecendo-os mais de perto. As mudanças ocorrem no dia-a-dia, conforme vamos interagindo com esses alunos e no desejo de cada vez mais inclui-los, a medida em que conseguimos conhecê-los. Para tanto temos de romper com as bases do ensino tradicional e adotar atitudes inovadoras diante das deficiências.

Vale destacar que nesta experiência narrada, não nos preocupamos em mostrar os avanços desses alunos, nos conhecimentos curriculares. Não abordamos o desempenho escolar desses alunos, pois não adotei nenhuma prática pedagógica especial para ensinar-lhes os conteúdos escolares. Adotei recursos pedagógicos para apoiá-los na aprendizagem que não foram indicados por especialistas e tanto Antonio como Márcia conseguiram progredir, segundo a capacidade de cada um : Antonio aprendeu a grafar com uma caneta bem grossa as letras do nome dele, embora sem seqüência. Márcia se alfabetizou como os demais alunos, sem problemas de aprendizagem. Concluo que a formação para trabalhar com alunos com deficiência nas turmas comuns exige essencialmente mudança de atitude com relação à deficiência, ou seja, quebra de preconceitos e um ensino que não seja excludente, a ponto de não considerar a aprendizagem de Antonio como insatisfatória.

Hoje eu compreendo que o medo que eu tinha de receber esses alunos partiu do que eu ouvia e falava sobre eles, com meus colegas de escola.

A experiência de inclusão, que vivi e narrei neste trabalho, foi fundamental para eu lidar com outros alunos com e sem deficiência que recebi (e receberei) em minhas próximas turmas.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Constituição Federal. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, DF, v. 134, n.248, 23 dez. 1996.

COSTA, Daniela Fernanda Ferreira. **Políticas educacionais: viabilizações para Educação Especial na Educação Básica e Pública/ Daniela Fernanda Ferreira Costa**. – Campinas, SP: [s.n.], 2006.

FREITAS, Luiz Carlos de. **Ciclos, seriação e avaliação: confrontos de lógicas**. São Paulo: Moderna, 2003 – (Coleção Cotidiano Escolar).

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para quê? / José Carlos Libâneo**. – 6. ed. São Paulo, Cortez, 2002.

MACHADO, Nilson José... [et al] . **Pensando e fazendo educação de qualidade**. São Paulo: Moderna, 2001 – (Educação em pauta: educação e democracia/ coordenação da coleção Ulisse F. Araújo).

MACHADO, Rosângela. **Ressignificar a Educação Especial no Ensino Básico: políticas, paradigmas e práticas / Rosângela Machado** – Campinas, SP: [sn], 2006.

MANTOAN, Maria Teresa. **Ser ou estar, eis a questão: explicando o déficit intelectual**. Rio de Janeiro: WVA, 1997. Rio de Janeiro.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar: o que é? Por quê? Como fazer? . Maria Teresa Eglér Mantoan** – São Paulo: Moderna, 2006 – (Coleção Cotidiano Escolar).

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Caminhos Pedagógicos da Inclusão: com estamos implementando a educação (de qualidade) para todos nas escolas brasileiras** / Maria Teresa Eglér Mantoan – São Paulo: Memnon, 2001.

_____ **A hora da virada.** Revista Inclusão da Secretaria Nacional de Educação Especial / MEC, nº 01, 2005.

_____ **Ensinando a turma toda.** Revista pedagógica - ARTMED/ Porto Alegre- RS, Ano V, nº 20, Fev/Abr/2002,pp.18-28.

_____ **Integração x Inclusão: Escola (de qualidade) para todos.** Pátio Revista Pedagógica. 2, (5), 1998.

_____ **Todas as crianças são bem-vindas à Escola.** Apostila. Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diversidade - LEPED/FE/Unicamp, 1996.

_____ **O direito à diferença nas escolas: questões sobre a inclusão escolar de pessoas com e sem deficiência.** Apostila. Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diversidade - LEPED/FE/Unicamp, 1996.

MARCOLINO, Tatiana Picarelli. **Conhecendo uma escola para todos: caminhos pedagógicos da inclusão/** Tatiana Picarelli Marcolino. - Campinas, SP: [s.n.], 2001.

NÓVOA, Antonio. **Os professores e sua formação.** Lisboa: Dom Quixote, 1993.

PERRENOUD, Philippe. **A pedagogia na escola das diferenças: fragmentos de uma sociologia do fracasso/** Philippe Perrenoud; trad. Cláudia Schilling – Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia.** São Paulo: Cortez/AA. 1983.

SERBINO, Raquel Volpato (org.). **Formação de professores.** São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998 – Seminários e debates.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Pedagogia das diferenças**. Campinas, 2006.

SOUZA, Silvana Paula de. **Por que as professoras têm medo de alfabetizar?!** Silvana Paula de Souza. – Campinas, SP: [s.n.], 2005.

STAINBACK, Susan. **Inclusão: um guia para educadores** / Susan Stainback e William Stainback; trad. Magda França Lopes. – Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

MACHADO, Rosângela. **Ressignificar a Educação Especial no Ensino Básico: políticas, paradigmas e práticas** / Rosângela Machado – Campinas, SP: [sn], 2006.

MANTOAN, Maria Teresa. **Ser ou estar, eis a questão: explicando o déficit intelectual**. Rio de Janeiro: WVA, 1997. Rio de Janeiro.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** . Maria Teresa Eglér Mantoan – São Paulo: Moderna, 2006 – (Coleção Cotidiano Escolar).

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Caminhos Pedagógicos da Inclusão: com estamos implementando a educação (de qualidade) para todos nas escolas brasileiras** / Maria Teresa Eglér Mantoan – São Paulo: Memnon, 2001.

_____ **A hora da virada**. Revista Inclusão da Secretaria Nacional de Educação Especial / MEC, nº 01, 2005.

_____ **Ensinando a turma toda**. Revista pedagógica - ARTMED/Porto Alegre- RS, Ano V, nº 20, Fev/Abr/2002, pp.18-28.

_____ **Integração x Inclusão: Escola (de qualidade) para todos**. Pátio Revista Pedagógica. 2, (5), 1998.

_____ **Todas as crianças são bem-vindas à Escola**. Apostila. Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diversidade - LEPED/FE/Unicamp, 1996.

_____ **O direito à diferença nas escolas: questões sobre a inclusão escolar de pessoas com e sem deficiência**. Apostila. Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diversidade - LEPED/FE/Unicamp, 1996.

MARCOLINO, Tatiana Picarelli. **Conhecendo uma escola para todos: caminhos pedagógicos da inclusão/** Tatiana Picarelli Marcolino. - Campinas, SP: [s.n.], 2001.

NÓVOA, Antonio. **Os professores e sua formação.** Lisboa: Dom Quixote, 1993.

PERRENOUD, Philippe. **A pedagogia na escola das diferenças: fragmentos de uma sociologia do fracasso/** Philippe Perrenoud; trad. Cláudia Schilling – Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.